

RAÍZES

DE

RESI

LIÊN

CIA





Investigador principal

Paul Heritage

Co investigador

Leandro Valiati

Gerentes de projeto

Gustavo Möller

Natália Nunes Aguiar

Assistentes de projeto

Karina Pietro Biasi Ruiz

Leandro Zere

Vitória Kramer

Relatoria, edição e análise

Natália Nunes Aguiar

Vitória Kramer

Artistas e educadores parceiros

Jana Janeiro, Lucas Fabrício, Raira Andrade, Reibatuque, Thiago SKP

Instituições parceiras

Corporação Musical Banda São Sebastião, Casa Quilombê, Grupo Atrás do Pano, Associação Cultural Clube Osquindô e Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade.

Sobre a People's Palace Projects

People's Palace Projects (PPP) é um centro de arte e pesquisa do departamento de Teatro da Universidade Queen Mary de Londres, estabelecido por Paul Heritage em 1997. A PPP reúne artistas, ativistas, acadêmicos e também o público em geral para se envolver com questões de justiça social por meio das artes no Reino Unido, no Brasil e ao redor do mundo.

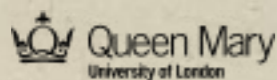
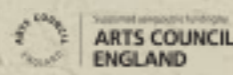
Mais informações: www.peoplespalaceprojects.org.uk

Agosto de 2023

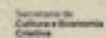
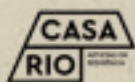
Realização



Financiamento



Apoio



Sumário

07	1. Introdução
10	2. Produtos e projetos
11	2.1 Documentário "VALE?"
14	2.2 Programa Jovens Embaixadores
17	2.3 Programa Educacional I
38	2.4 Programa Educacional II
58	2.5 Guia prático de metodologias de arte- educação para abordar a crise climática
59	2.6 Série de Webinars "Cultura, Clima, Ação!"
60	2.7 Série de Webinars "Raízes de Resiliência: o papel do patrimônio cultural no enfrentamento à crise climática e desastres ambientais"
62	2.8 Gestores Culturais pelo Clima
65	2.9 AMA Rio
78	3. Considerações finais

Introdução

1.

1. Introdução

O projeto Raízes de Resiliência nasceu com o objetivo de mapear e mensurar o valor da cultura na região do Quadrilátero Aquífero-Ferrífero, em Minas Gerais, por meio de um projeto de pesquisa em parceria com seis organizações culturais da região, sendo elas: Instituto Inhotim – o núcleo promotor dessa rede –, Corporação Musical Banda São Sebastião, Casa Quilombê, Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade (FCCDA), Grupo Atrás do Pano e Clube Osquindô. Com ampla atuação no estado, essas organizações localizam-se em quatro cidades: Brumadinho (incluindo o distrito da Comunidade Quilombola de Marinhos), Itabira, Nova Lima e Passagem de Mariana, distrito do município de Mariana.

A pesquisa buscou avaliar possíveis impactos da atuação das organizações parceiras, tendo como pano de fundo as interconexões entre o papel dessas instituições como parte do patrimônio cultural local, a forte presença da atividade minerária na região e as múltiplas ameaças ambientais às quais as comunidades e os patrimônios culturais locais estão expostos, especialmente aquelas vinculadas à mineração. Visando à prevenção de novos desastres na região, o projeto também procurou elencar formas de mitigar os riscos ambientais nesses territórios, sejam eles ligados à indústria extrativista mineral ou não. Dessa forma, a pesquisa enfocou a resiliência das comunidades locais frente a experiências recentes e à constante ameaça de catástrofes ambientais, além do potencial criativo das organizações parceiras.

Os resultados dessa fase do projeto, além de fornecerem dados importantes acerca do valor da cultura na região do Quadrilátero Aquífero-Ferrífero, orientaram a estruturação de uma série de desdobra-

mentos que visaram articular atividades de intervenção e a promoção de debates em torno da temática ambiental. Dentre os principais resultados, temos que **o patrimônio cultural da região é ameaçado: por questões ambientais** – especialmente por aquelas ligadas à mineração, mas também por questões climáticas como alagamentos, secas e queimadas –; **pelo desinteresse por parte da sociedade civil** (especialmente as gerações mais recentes); e **pela falta de suporte por parte da iniciativa privada e do setor público**. Outro importante resultado da pesquisa é que **a arte e a cultura são instrumentos de combate a essas ameaças** de variadas maneiras:

- | As artes são utilizadas para veicular denúncias;
- | Arte e cultura são ferramentas educativas eficazes para abordar variadas temáticas;
- | O setor cultural é uma alternativa econômica a atividades não sustentáveis e/ou ligadas à mineração;
- | As atividades e projetos culturais promovidos pelas organizações parceiras têm o potencial de promover a coesão social – especialmente após eventos trágicos;
- | Essas atividades e projetos são capazes de influenciar positivamente a saúde mental das pessoas envolvidas em sua execução e/ou atendidas por elas;
- | A educação e a comunicação são instrumentos necessários para promover o debate a respeito dos riscos aos quais os patrimônios culturais estão expostos e do potencial das artes e da cultura no enfrentamento a tais ameaças;
- | A arte e a cultura estimulam o engajamento social.

Para saber mais sobre os resultados da pesquisa, [Acesse aqui o relatório de Pesquisa de 2021](#)

A partir dessas descobertas e da rede cultural que se estruturou por meio da interação entre as organizações parceiras, o Projeto Raízes de Resiliência deu origem a novos programas e iniciativas que, guiados pelos achados da pesquisa, fizeram uso das artes e da cultura para desenvolver ações de impacto pela sensibilização quanto a questões ambientais pertinentes à realidade de cada território, bem como para promover debates a respeito da importância de se preservarem os patrimônios culturais locais. Buscou-se, também, desenvolver, conjuntamente com agentes culturais parceiros, metodologias de arte-educação que possam tanto ser aplicadas nos territórios onde a pesquisa foi feita, quanto replicadas em outras localidades.

Portanto, as novas fases do projeto Raízes de Resiliência deram especial ênfase **à função da educação como promotora de debates e de engajamento civil** – tendo a arte como ponte para as ações de sensibilização desenvolvidas –, ao **papel central das juventudes na luta pela preservação dos patrimônios culturais** e pela salvaguarda de seus territórios frente a desastres ambientais, à **articulação entre a sociedade civil e tomadores de decisões** (o poder público) e à **produção e propagação de conteúdos a respeito das interconexões entre artes, cultura e questões ambientais**, com especial atenção à emergência climática.

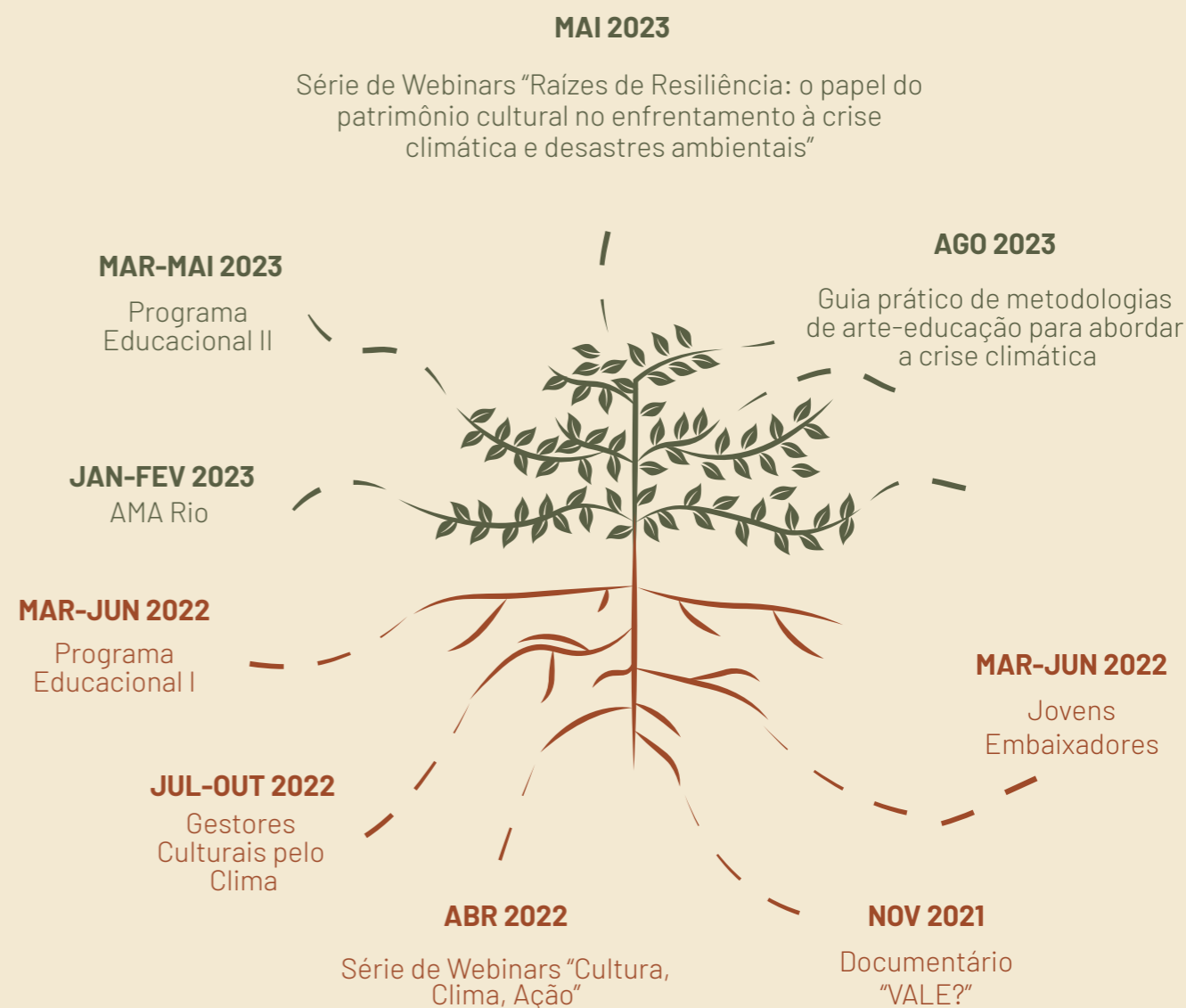
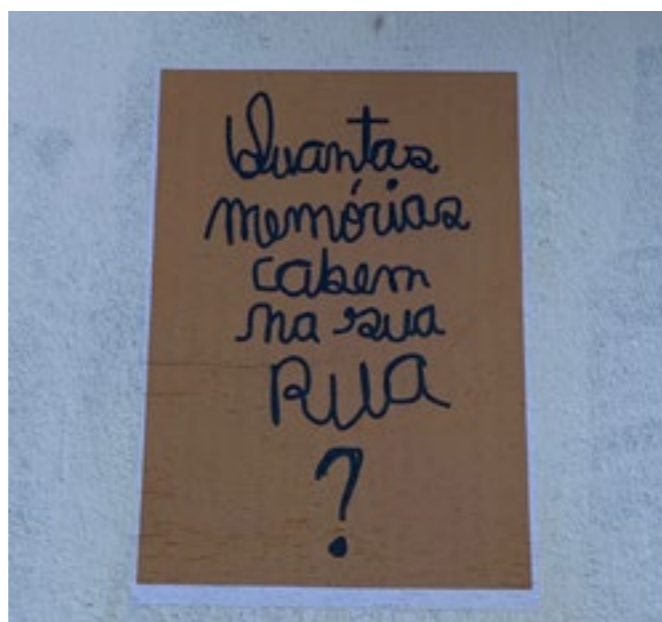
De forma geral, podemos resumir as atividades e projetos desenvolvidos no escopo do projeto Raízes de Resiliência em dois eixos principais: um, voltado a atividades educativas, de sensibilização e engajamento, e outro, voltado à troca de conhecimentos e à articulação com o poder público. Dentro do primeiro eixo, as iniciativas foram:

- | Documentário “VALE? Cinco artistas diante do maior crime ambiental do Brasil”;
- | Programa Jovens Embaixadores;
- | Programa Educacional I (2022) e II (2023);
- | Projeto AMA Rio; e
- | Guia prático de metodologias de arte-educação para abordar a crise climática.

Já no segundo eixo, desenvolvemos as seguintes iniciativas:

- | Série de seminários virtuais “Cultura, Clima, Ação”;
- | Série de seminários virtuais “Raízes de Resiliência: o papel do patrimônio cultural no enfrentamento à crise climática e desastres ambientais”; e
- | Projeto Gestores Culturais pelo Clima.

A linha do tempo abaixo localiza temporalmente cada um dos projetos. Nas próximas seções deste relatório, iremos explorar os objetivos de cada projeto, suas metodologias e os seus principais desdobramentos.



Produtos e Projetos

2.

2.1. Documentário “VALE?”

Dando continuidade à rede de conexões que se criou entre as organizações culturais parceiras, em dezembro de 2021, foi comissionada uma série de apresentações desenvolvidas por cinco artistas independentes da região do Quadrilátero Aquífero-Ferrífero. Durante esse processo, evidenciaram-se as interconexões entre arte e cultura, o histórico da mineração na região, bem como questões ambientais mais amplas. As apresentações ocorreram em quatro municípios e foram diversas em termos de público, horário, duração, temática e linguagem artística: teatro, rap, arte circense, banda marcial, cinema documental e performance multissensorial com múltiplas linguagens.

Os artistas comissionados e que integram o documentário são: Jô Alves – Palhaça Jojoba (Passagem de Mariana); Lucas Fabricio (Nova Lima); Reibatuque (Comunidade Quilombola de Marinhos, Brumadinho); Thiago SKP (Itabira) e Vítor Elias Silva (Brumadinho). Ao final das apresentações, uma breve pesquisa de opinião foi aplicada ao público, cujos resultados serão apresentados à frente. Além disso, no decurso das apresentações, as performances, histórias, experiências, denúncias e percepções dos artistas acerca de seu trabalho e do papel da arte em relação aos desastres ambientais ocorridos na região foram registradas no documentário “VALE? Cinco artistas diante do maior crime ambiental do Brasil”.

Impacto das apresentações artísticas comissionadas

Ao todo, 126 pessoas responderam à pesquisa, seja pelo formulário impresso, seja virtualmente. O questionário continha três questões que visaram explorar a percepção e os sentimentos do público quanto às apresentações e à experiência de assisti-las.

Em decorrência da pandemia da Covid-19, que fez com que várias atividades culturais fossem paralisadas, fez-se importante abordar o sentimento que participar desses eventos suscitou nas pessoas. Quanto a esse aspecto, a receptividade do público foi extremamente positiva: 90% dos respondentes consideraram que foi bom ou ótimo assistir às apresentações. Os outros 10% utilizaram suas próprias palavras para qualificar sua experiência, utilizando adjetivos como “emocionante” e “maravilhoso”, dentre outros.

“Como foi para você assistir a essa apresentação?”

0%	Péssimo
0%	Ruim
0,79%	Razoável
3,17%	Bom
87,30%	Ótimo
	Outros:
2,38%	Emocionante
0,79%	Excelente, e com muita sensibilidade
2,38%	Maravilhoso
0,79%	Nostálgico
1,59%	Perfeito
0,79%	Sensacional

Além disso, os espectadores foram questionados a respeito das principais motivações para assistirem às apresentações, refletindo a diversidade de projetos, artistas e temáticas abordadas. Em breves palavras, o público enfatizou o interesse pelo enredo da peça teatral, o apreço pelas duas bandas marciais que se apresentaram, bem como o desejo de prestigiar, acompanhar e apoiar o trabalho dos artistas envolvidos. Adicionalmente, os respondentes também manifestaram curiosidade e vontade de conhecer projetos e ambientes que representam e valorizam a cultura local e abordam temáticas como família, história, território, tradição e mineração. A nuvem de palavras a seguir resume os principais termos utilizados nas respostas.

NOVALIMENSE MOTIVOU
 ESPETÁCULO PARTICIPARAM
 MEMÓRIAS RESILIÊNCIA
 ARTE MÚSICA CULTURA MOTIVOU
 ARTISTA TRABALHO AMOR
 AMBIENTE HISTÓRIA
 FAMÍLIA ARTE EXCELENTE
 CONHECER MINERAÇÃO MARIANA
 TEMA ARTISTAS APOIAR ESPECIAL
 ORGULHO VIDA PERTENCIMENTO
 PATRIMÔNIO EXPERIÊNCIAS

Finalmente, tendo em vista que a forte presença da mineração no Quadrilátero Aquífero-Ferrífero foi abordada nas apresentações artísticas comissionadas e considerando que se trata de um assunto delicado e controverso, seria plausível que as apresentações pudessem provocar sentimentos diversos nos espectadores. Para além de sentimentos positivos, as apresentações poderiam gerar sentimentos ligados à desaprovação, por parte do público, em relação às consequências da minério-dependência na região. De fato, alegria, prazer e comoção foram mencionados pela maioria dos respondentes. Não obstante, preocupação, angústia e incômodo também figuram entre os sentimentos experimentados pelo público.

O que você sentiu ao assistir a essa apresentação?

90,08%	Alegria
46,56%	Prazer
39,69%	Comoção
34,35%	Curiosidade
10,69%	Compaixão
7,63%	Preocupação
4,58%	Angústia
3,05%	Emoção
3,05%	Incômodo

Sobre o documentário “VALE? Cinco artistas diante do maior crime ambiental do Brasil”

Durante seis meses, em 2020, o diretor da PPP, Paul Heritage, participou de uma série de encontros virtuais com os cinco artistas selecionados, que ainda estavam testando suas ideias para as apresentações comissionadas. Nenhum dos artistas se conhecia – e não havia a exigência que participassem das performances ou apresentações uns dos outros –, mas todos compartilhavam uma geografia afetiva.

Eles habitavam uma paisagem emocional, econômica, política e social comum, estendendo-se pelo Quadrilátero Aquífero-Ferrífero, além das fronteiras de suas próprias e diversas formas artísticas. Um tocadador de eufônio em uma banda cívica, um rapper, uma palhaça, um artista de teatro e um percussionista quilombola não são necessariamente aliados estéticos; por isso, os artistas mantiveram uma certa distância entre cada uma das cinco obras que criaram individualmente, mas, nas oficinas virtuais, descobriram os caminhos que os levavam e os conectavam uns aos outros. Foi esse processo que incentivou o convite do documentarista Marcelo Barbosa para acompanhar Paul Heritage em uma viagem de 10 dias pelo Quadrilátero Aquífero-Ferrífero, com o objetivo de filmar apenas dois dias com cada um dos artistas em dezembro de 2020. O objetivo era usar uma câmera para traçar a topografia física, cultural, política e emocional dos cinco artistas e do trabalho que haviam criado em resposta à proposta da *People’s Palace Projects*.

O filme, dirigido por Paul Heritage e Marcelo Barbosa, apresenta quatro cidades do Quadrilátero Aquífero-Ferrífero após os rompimentos da Barragem de Fundão, em Mariana, e das barragens B-IV e B-IV-A, da mina de Córrego do Feijão, em Brumadinho

Ele aborda como artistas locais vocalizam, através de seu trabalho, sentimentos que permeiam a sociedade. Com isso, a obra fornece e divulga informações importantes a respeito desses desastres e de suas múltiplas consequências a partir de uma abordagem sensível e não convencional, podendo alcançar novos públicos e provocar diversos estímulos sensoriais e afetivos. Ademais, o filme registra como a arte se relaciona a eventos extremos e à luta contra as ameaças ambientais e o poderio econômico ligados à atividade minerária na região.

O documentário “VALE?” foi exibido pela primeira vez no Quadrilátero Aquífero-Ferrífero em junho de 2022 e reexibido, em nova versão, em fevereiro e março de 2023 para audiências convidadas das comunidades onde foi filmado. Considerando as duas ocasiões, mais de 400 pessoas assistiram a edições prévias do documentário nas cidades de Belo Horizonte, Brumadinho, Itabira, Mariana e Ouro Preto. Além disso, o filme foi apresentado em Londres e no Rio de Janeiro em abril e maio de 2023, respectivamente, em eventos que também incluíram debates sobre as questões levantadas pelos artistas e pelo filme. No Brasil, as exposições também envolveram a realização de performances ao vivo pelos artistas que contribuíram para moldar a forma visceral de como o filme é recebido pelo público. Em Londres, durante a exibição, um membro da plateia perguntou se o Brasil sabe o que está acontecendo no Quadrilátero Aquífero-Ferrífero. Marcelo Barbosa e Paul Heritage responderam que o acontecimento é familiar como uma história trágica que se vê nos noticiários, mas que estávamos todos buscando revelar outras formas de “saber” sobre o que acontece na região. Essa busca ressurgiu em uma crítica do filme que descreve como ele evoca a maneira como a mineração está nas veias das pessoas e no ambiente em seu entorno:

Água da chuva correndo pelas ruas, marrom com efluentes minerais; o cheiro químico do processo extrativo pairando no ar, a constante monotonia de caminhões de carga se movendo de um lado para o outro. Esses ritmos, esses cheiros, essas visões fazem parte do cotidiano – mas sua presença habitual também é um lembrete da constante ameaça de desastre.¹

“Noventa por cento de ferro nas calçadas, oitenta por cento de ferro na alma” foi como Carlos Drummond de Andrade descreveu Itabira, onde ele nasceu e viveu nas primeiras décadas do século XX. Um dos poetas mais reverenciados do Brasil, Drummond nasceu no mesmo lugar e quase ao mesmo tempo em que os britânicos estavam estabelecendo as operações de mineração que eventualmente se tornaram a Vale S.A., uma das maiores empresas de mineração do mundo. Thiago SKP, nascido em Itabira cem anos após Drummond, adotou o nome de VALE (com sua potência e significado duplos) para fazer a pergunta que é provocada por cada um dos artistas no filme:

**Quanto vale a vida? Quanto vale? Quanto vale?
 a dor de quem chora, quanto vale vale?
 Dois lados da moeda só o cofre que vale
 se a vida não vale a pena NADA disso VALE.**

¹Trecho traduzido da crítica escrita por Hugh Stanley no Latin America Bureau, sobre o documentário “VALE?”, em 14 de junho de 2023. Disponível aqui (em inglês).

2.2. Programa Jovens Embaixadores

O Programa Jovens Embaixadores teve como principal objetivo incentivar o protagonismo de jovens e jovens adultos para se tornarem multiplicadores, em seus territórios, de diálogos a respeito das inter-relações entre arte e questões climáticas. Seis jovens de cinco localidades participaram de sessões de formação multidisciplinar e do planejamento e execução de eventos sociais.

Jovens participantes

Brenda Alves e Sayonara Braga (*Comunidade Quilombola de Marinhos, Brumadinho*);

Samanta de Jesus Paula (*Brumadinho*);

Rafael de Sá (*Itabira*);

Raed Hilario D'Angelo (*Passagem de Mariana, Mariana*);

Mikaele Ferreira Batista (*Nova Lima*).

Inicialmente, os(as) jovens participaram de encontros de formação remotos e presenciais, nos quais foram abordados variados temas pertinentes ao projeto, a saber: território e atuação local; valor e patrimônio culturais; mudanças climáticas; autoexpressão; promoção de eventos e comunicação; e escrita de projetos. Ao final, os(as) participantes desenvolveram diversas ações de impacto em seus territórios, promovendo a interconexão entre arte, cultura e questões climáticas. Ao engajarem seus pares (demais jovens em cada território) nas atividades que promoveram, esses(as) jovens atuaram como multiplicadores(as) do conhecimento gerado por meio de trocas e debates realizados na primeira fase do programa. A seguir, essas ações são detalhadas.

Oficina de pintura – Comunidade Quilombola de Marinhos, distrito de Brumadinho

No dia 4 de junho de 2022, foi ofertada uma oficina de pintura a jovens da comunidade, buscando abordar temas ligados a questões ambientais – especialmente poluição e mudanças climáticas. A atividade contou com o apoio e a articulação da Casa Quilombê e culminou em um segundo encontro, no qual jovens da comunidade de Marinhos criaram um painel retratando a paisagem de uma sociedade em que seres humanos e meio ambiente conviveriam em harmonia, sob o título: “Que tal deixar uma pegada que mude o mundo?”. A seguir, podem-se conferir depoimentos das jovens embaixadoras deste território.

Tinha em mente fazer um encontro com os jovens, explicar pra eles sobre a importância do cuidado com o nosso planeta, e também com as crianças um dia na escola com gincanas, pinturas... Com os jovens foi realizado esses encontros, e foi bastante proveitoso. Com as crianças não foi possível – a escola não estava liberando visitas por causa da pandemia.

Nos reunimos no espaço da Casa Quilombê para mais uma conversa, e dali saiu que precisávamos passar para outras pessoas o que estávamos aprendendo, com o objetivo de ter mais pessoas juntas para um bem comum, que é o cuidado com o nosso planeta. Mas quem seria esse público? Quem seriam essas pessoas? Escolhemos os jovens e as crianças. Com as crianças não foi possível. Mas com os jovens conseguimos um grupo.

Ocup[ação] – Brumadinho

A ação foi realizada no dia 11 de junho de 2022 e contou com shows de artistas locais, além de uma apresentação da Banda São Sebastião de Brumadinho. O evento contou, ainda, com um estande de distribuição de mudas nativas da região do cerrado e o sorteio de brindes, como copos reutilizáveis e ecobags. Realizada em uma praça referência da cidade, a ação teve como objetivo debater a importância do meio ambiente e pensar estratégias contra a crise climática. Em seu depoimento, a jovem embaixadora desse território relata que:

A atividade teve como objetivo dar espaço aos grupos culturais convidados, de forma a apresentar seu trabalho para os participantes, além de instigar e abordar de forma prática e mais palpável os assuntos relativos ao meio ambiente, reflorestamento e reciclagem.

Oficinas, palestras e II Feira de Economia Solidária e Meio Ambiente do Bairro Pedreira – Itabira

Entre os dias 24 e 27 de maio de 2022, foram providas duas palestras com os temas “Impactos Sociais e Ambientais da Mineração em Itabira” e “Consciência Ambiental” em duas escolas e em um centro comunitário em Itabira. Além disso, entre os dias 28 de maio e 03 de junho de 2022, foram oferecidas para a comunidade quatro oficinas de Macramê, Cachepô, Tinta Natural e Doces Juninos. O jovem embaixador desse território também colaborou com a organização da II Feira de Economia Solidária e Meio Ambiente do bairro Pedreira, realizada no dia 11 de junho do mesmo ano. Na ocasião, comerciantes locais instalaram barracas de venda em uma praça referência do bairro, houve shows de artistas locais, doação de mu-

das de plantas e sorteio de brindes. O evento contou com a presença de lideranças e associações comunitárias, do prefeito da cidade e outros membros de sua administração, bem como de ativistas ambientalistas e lideranças políticas partidárias.

Território, mineração e arte – Nova Lima

Em parceria com os coletivos Timbuctu e Posse-Cria, a ação foi realizada em 16 de junho de 2022, no bairro Cruzeiro, periferia de Nova Lima, e contou com uma série de atividades: apresentação artística de grupos locais em um sarau literário apresentado pela poeta e mobilizadora Nívea Sabino, exposição de arte e intervenções de grafite com o artista MartPxsse, apresentações de dança, exposição de artesanato, promoção de brechó, oficinas de artes, apresentações musicais e uma performance artística realizada pela própria jovem embaixadora.

No evento, veicularam-se falas provocativas contra as ações da mineração no município e, ainda, críticas à gestão municipal em razão da recente permissão de expansão da extração de minério na Serra do Rola Moça. Em depoimento, a Jovem Embaixadora evidencia sua expectativa de levar à comunidade um debate político permeado por atividades culturais:

No processo de formação, me questionei sobre qual era o papel a ser desempenhado nesse lugar de jovem embaixadora. As expectativas partiram de um lugar interno, onde eu queria suprir um pouco das demandas da comunidade que observava cotidianamente. Durante as trocas que aconteceram em acesso remoto, tive a oportunidade de entender um pouco da vivência de algumas lideranças indígenas como Shirley Krenak e Poran Potiguara, e isso é enriquecedor para a trajetória da vida. Su-

prir a própria expectativa é sempre um momento de muita ansiedade: como um corpo preto na sociedade, o erro não é um lugar permissivo. Essa atividade só foi possível porque prezei para que a construção fosse coletiva, convoquei pessoas que, assim como eu, mantêm um compromisso político com a comunidade, do acesso à arte e cultura.

“Para além das galerias” – Passagem de Mariana, Mariana

“Para Além das Galerias” é um vídeo documentário de curta duração que aborda a temática da mineração no distrito de Passagem de Mariana. O documentário explora a história da Mina de Passagem, que dá nome ao distrito, a partir de entrevistas com o proprietário, funcionários e mineiros que lá trabalharam enquanto ela ainda estava em atividade.

A primeira exibição do documentário ocorreu em 24 de junho de 2022 para alunos da Escola Estadual Coronel Benjamim Guimarães, localizada em Passagem de Mariana. Na ocasião, debateram-se questões ligadas às ações das mineradoras na região. O jovem embaixador declarou:

O projeto foi muito importante para minha formação de vida como jovem, aprendendo mais sobre o meu território, conhecendo novas pessoas que têm objetivos como eu: fazer a diferença, mostrar, aprender e ensinar. Durante a formação, conhecemos um pouco sobre o território de cada jovem embaixador, contamos sobre algumas vivências, costumes e histórias dentro da comunidade.... Comecei a refletir sobre várias coisas que acontecem na sociedade e me identifiquei bastante com meu território.

Resultados e desdobramentos

O Programa Jovens Embaixadores foi estruturado para identificar jovens lideranças locais e levá-las a ativar seu capital social para estabelecer e/ou fortalecer redes de engajamento social em seus territórios, com especial atenção a questões relacionadas aos impactos das mudanças climáticas e à importância da preservação dos patrimônios culturais e identidades de suas comunidades.

Ao longo do processo formativo, os Jovens Embaixadores também tiveram suas habilidades criativas e artísticas reforçadas e estimuladas, o que resultou em uma série de ações locais que promoveram intervenções educativas e artísticas sobre clima, patrimônio cultural, consequências da mineração, sustentabilidade e economia social e solidária.

Além disso, essas atividades abrangeram abordagens artísticas diversas, como pintura, escrita, música, performances visuais, poesia e até mesmo a produção de um documentário. Também é importante mencionar que questões fundamentais para as juventudes dos territórios abordados – como racismo, LGBTQIA+fobia e economia de base comunitária – surgiram durante o programa e estiveram presentes nas ações desenvolvidas pelos(as) jovens.

Finalmente, o Programa Jovens Embaixadores promoveu a transformação de jovens líderes de quatro cidades do Quadrilátero Aquífero-Ferífero em agentes de mudança em suas comunidades. A dedicação e o comprometimento destes(as) jovens para com a preservação do meio ambiente, do patrimônio

cultural e das identidades locais foram significativas. Além disso, por meio de suas expressões artísticas e criativas, os(as) participantes do programa não apenas inspiraram seus pares, mas também chamaram atenção de líderes comunitários, políticos e ativistas. Assim, os Jovens Embaixadores atuaram como catalisadores de engajamento social e deram rosto à esperança de um futuro mais inclusivo e sustentável social, econômica e ambientalmente.

2.3. Programa Educacional I

Pessoas alcançadas
+400

Cidades trabalhadas

Brumadinho (Comunidade Quilombola de Marinhos, São José do Paraopeba, Ponte de Almorreimas e centro de Brumadinho), **Itabira**, **Nova Lima** e **Passagem de Mariana**;

Metodologias de trabalho

hip-hop/rap, **teatro/performance**, **música de banda** (orquestra de metais), **leitura/escrita criativa**, **tradições culturais afro brasileiras**.



O Programa Educacional surgiu como resposta à demanda, identificada através da pesquisa desenvolvida na primeira fase do projeto Raízes de Resiliência, de promover debates com comunidades potencialmente afetadas pela atividade minerária na região do Quadrilátero Aquífero-Ferrífero e de levar informações atualizadas, acessíveis e pertinentes sobre como a mineração afeta o cotidiano, os patrimônios culturais e as próprias identidades e práticas culturais tradicionais locais. Nesse sentido, percebendo as imbricações entre os efeitos ambientais da mineração e as consequências da crise climática sobre os patrimônios culturais, a PPP lançou mão de sua expertise em arte-educação para fomentar um programa que trabalhasse tais pautas junto a comunidades da região do Quadrilátero Aquífero-Ferrífero.

Dessa forma, a primeira fase do Programa Educacional, a que chamamos de Programa Educacional I, teve como objetivo o desenvolvimento de projetos artístico-educativos que abordassem questões climáticas, mineração e cultura. As atividades promovidas no âmbito do programa permearam as linguagens artísticas constantes das comissões artísticas do projeto Raízes de Resiliência e ocorreram durante o primeiro semestre de 2022.

O Programa Educacional I contou com a parceria de quatro organizações culturais e dois artistas independentes, a saber: Grupo Atrás do Pano (Nova Lima), Banda São Sebastião (Brumadinho), Casa Quilombê (Comunidade Quilombola de Marinhos, Brumadinho), Clube Osquindô (Passagem de Mariana), Lucas Fabrício (Nova Lima) e Thiago SKP (Itabira).

Uma vez que o programa visou à sensibilização de jovens de comunidades locais quanto à importância dos patrimônios culturais em um contexto de

crise climática, as atividades desenvolvidas priorizaram a inclusão de práticas tradicionais locais que envolvessem o patrimônio tangível e intangível e a promoção de projetos artísticos que incentivassem a reflexão a respeito da situação climática e cultural nos territórios trabalhados.

A intersecção entre patrimônio, cultura e meio ambiente foi o ponto chave do Programa Educacional I, variando as metodologias e abordagens específicas preconizadas por cada organização e artista. Nesse sentido, as organizações e os artistas parceiros definiram o público-alvo de suas ações conforme suas próprias especificidades, alcançando estudantes, jovens e jovens-adultos, educadores e comunidades locais ameaçadas por catástrofes ambientais.

Outra questão bastante enfatizada ao longo do desenvolvimento do Programa Educacional I foi a atenção à replicabilidade e adaptabilidade das propostas. Assim, cada projeto focou não apenas em elaborar um cronograma de atividades específico para o primeiro semestre de 2022, mas também em propor estratégias de ampliação do projeto a fim de potencializar seu impacto ao atingir outros públicos dentro e fora dos territórios em que as organizações e os artistas comumente atuam.



Sobre as organizações e artistas envolvidos

Corporação Musical Banda São Sebastião, Brumadinho

Fundada em 13 de maio de 1929, antes mesmo de Brumadinho se tornar um município, a Banda tem como missão cultivar a cultura, preservar as tradições, promover a inclusão social, disseminar a arte musical e conservar o patrimônio histórico-artístico da região, além de despertar o fortalecimento de vínculos através da música.

Casa Quilombê, Comunidade Quilombola Marinhos, Brumadinho

A Casa desenvolve atividades que valorizam a cultura quilombola desde suas tradições até a contemporaneidade, incentivando, por meio da arte, da música e da literatura, o reconhecimento e o empoderamento das pessoas envolvidas.

Associação Cultural Clube Osquindô, Passagem de Mariana

O Clube Osquindô tem como foco o desenvolvimento da leitura e do brincar por meio de projetos que despertem a imaginação, promovam novas formas de agregar conhecimento e estimulem o protagonismo de crianças e jovens, assim como a inovação nos modos de produzir cultura.

Grupo Atrás do Pano, Nova Lima

Há 30 anos, o Grupo Atrás do Pano desenvolve uma pesquisa de linguagem pautada pela ludicidade poética e por um teatro de resgate e releitura da cultura popular. Através da literatura, da oralidade, do carnaval e das brincadeiras e cantigas de roda, o grupo propõe um olhar contemporâneo sobre os costumes e a realidade brasileira.

Lucas Fabrício, Nova Lima

Arte-educador, pesquisador, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, professor de teatro no Centro de Formação Artística e Tecnológica (CEFART) – Palácio das Artes e integrante do Coletivo Negro Timbuctu.

Thiago SKP, Nova Lima

Rapper, poeta e arte-educador, Thiago iniciou sua carreira em 2007 com o grupo Underground CIA. Ele também é fundador de diversas intervenções culturais e movimentos de rua como “Noiz por Noiz” e “Sarau essência”. Lançou o primeiro disco solo em 2013, levando o nome de Itabira-MG a vários shows pelo Brasil.

Ao longo da próxima seção, os resultados de cada ação serão detalhados. Assim, será possível avaliar o impacto das metodologias implementadas, bem como planejar ações de multiplicação dessas metodologias em contextos distintos.

Sobre os projetos

Grupo Atrás do Pano - “Brincando com a natureza”

Público-alvo:
crianças de 6 a 10 anos

Alcance:
30+ pessoas

Metodologia:
oficina lúdica – laboratório
experimental – teatro

Visão geral

O projeto foi realizado através da promoção de uma oficina cultural intitulada “Brincando com a natureza”, que teve como objetivo **propor uma reflexão sobre a natureza a partir da sensibilização por múltiplas formas artísticas.**

A oficina foi desenvolvida ao longo de um dia na Escola Municipal Dalva Cifuentes Gonçalves, pertencente ao distrito de Honório Bicalho, em Nova Lima. A justificativa para a escolha da escola foi o fato de ela estar localizada em um território fortemente impactado por enchentes poucos meses antes da realização do projeto, em janeiro de 2022. Assim, as atividades foram desenvolvidas com o objetivo de sensibilizar a comunidade escolar em relação aos processos de degradação ambiental e aos impactos das mudanças climáticas sobre eventos extremos como os que aconteceram em janeiro daquele ano.

A oficina trabalhou com o conceito de “equilíbrio-desequilíbrio”, que inspirou atividades de arte-educação por meio de linguagens artísticas como música, artes plásticas e artes visuais. As ferramentas utilizadas para o desenvolvimento das atividades de sensibilização foram: exibição de vídeos educativos sobre meio ambiente, realização de oficinas de percussão, modelagem em argila e pintura em papel, rodas de brincadeiras e, por fim, a produção de um vídeo documentário para inspirar a multiplicação da oficina em outros ambientes de aprendizagem. No trabalho com as crianças, foram realizadas as seguintes atividades:

- | Jogos em roda de sensibilização do grupo;
- | Experimentos sonoros;
- | Laboratório experimental com materiais orgânicos como água, galhos, terra, pigmentos e barro;
- | Modelagem em placa de argila;
- | Criação de objetos visuais a partir do laboratório experimental;
- | Montagem da exposição coletiva;
- | Gravação e edição de vídeo documentário do processo da oficina;
- | Apresentação do vídeo para as crianças.

Resultados

Os principais resultados do projeto podem ser resumidos em quatro pontos:

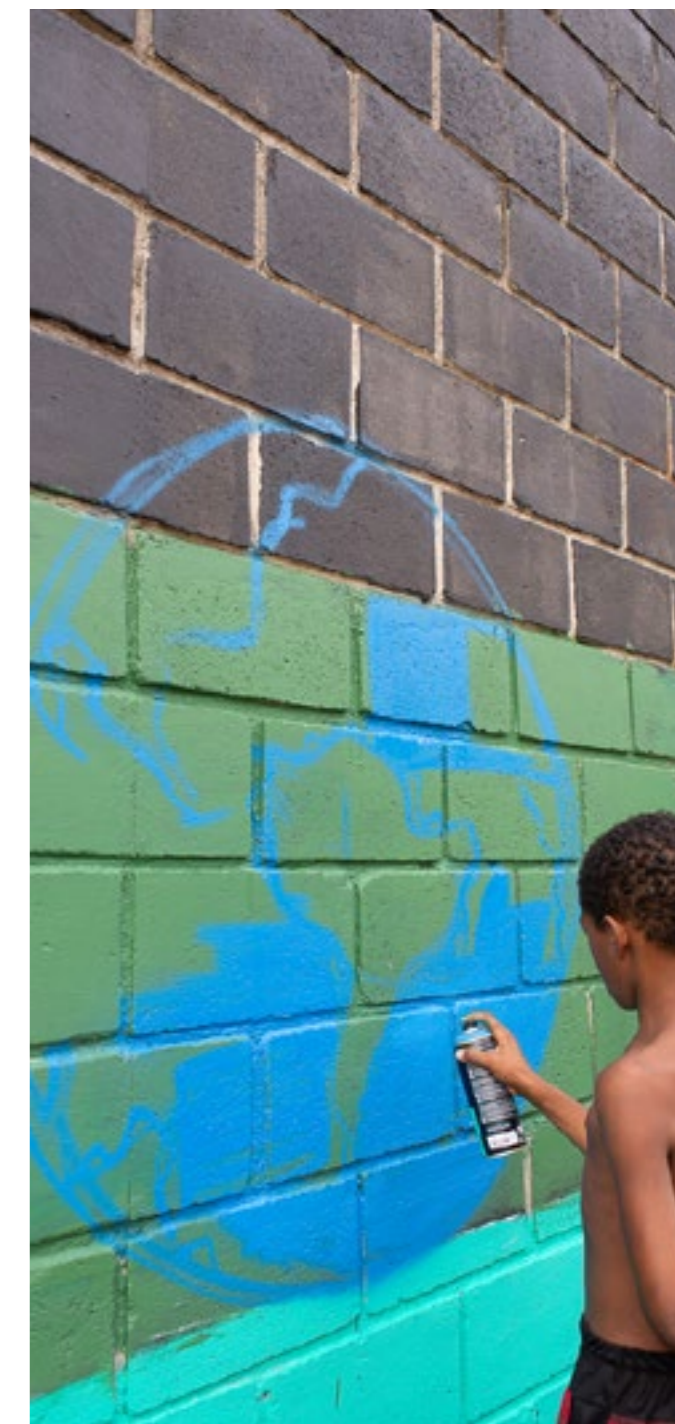
1. O incentivo ao próprio Grupo Atrás do Pano para exercitar uma criação artística inspirada em uma temática ambiental com claros recortes políticos e sociais;
2. O diálogo estabelecido com a comunidade atingida e a reflexão sobre o impacto de eventos climáticos extremos no território e em seus habitantes;
3. A promoção da prática artística em uma comunidade com pouco acesso à arte; e
4. A produção de um vídeo documentário que retrata a experiência na comunidade.

Em relação ao último ponto, a entrega de um material visual que documenta o que foi trabalhado na oficina não só facilita a retomada da discussão na escola (com estudantes que não foram contemplados na primeira oficina), como também pode ser uma ferramenta de multiplicação do projeto em outras comunidades e contextos escolares.

Nesse sentido, o impacto potencial desta proposta de sensibilização aumenta consideravelmente, de forma que surgem duas perspectivas de trabalho para além da comunidade escolar: a discussão sobre a consciência ambiental a partir da arte e a sensibilização sobre os impactos das mudanças do clima sobre as comunidades diretamente afetadas por eventos climáticos.

Em relação às possibilidades de continuidade do projeto, destacam-se três frentes de ação: o diálogo

com ativistas ambientais, a realização de ações performáticas em locais sensíveis à poluição ambiental (a exemplo do grande número de rios poluídos em Nova Lima) e a formação de núcleos de interesse com educadores, artistas, crianças, jovens e idosos para fortalecimento da causa ambiental.



Banda São Sebastião – “A importância do patrimônio cultural em um contexto de crise climática”

Público-alvo:

moradores de comunidades afetadas pela mineração (faixas etárias diversas) e estudantes de 14 a 17 anos

Alcance:

100+ pessoas

Metodologia:

oficina musical –
imersão nas comunidades

Visão geral

O município de Brumadinho possui grande valor patrimonial: são muitas manifestações culturais, criações, objetos, documentos e edificações que caracterizam este território. Porém, após o rompimento das barragens B-IV e B-IV-A, da mina de Córrego do Feijão, em 2019, impactos profundos são sentidos pela população da cidade, que vem perdendo a própria identidade em meio ao luto e aos impactos sociais, econômicos e ambientais da tragédia.

O projeto desenvolvido pela Banda São Sebastião teve como objetivo principal resgatar as identidades locais e demonstrar o potencial das comunidades atingidas, para que essas se tornem protagonistas no meio em que vivem. Com o rompimento da barragem, os patrimônios culturais foram esquecidos, envoltos na dor da degradação do meio ambiente. Porém, através das oficinas, as comunidades de Brumadinho tiveram a oportunidade de enxergar

sua identidade, força e capacidade de mudança.

O projeto desenvolvido teve como base a realização de oficinas de baixa complexidade e fácil replicabilidade, com o objetivo de demonstrar o valor cultural das comunidades de Brumadinho e discutir como, através do engajamento social, elas podem modificar sua realidade, melhorando suas condições de vida e o ambiente em que habitam.

Os objetivos gerais do projeto foram: valorizar o patrimônio cultural local, refletir sobre o papel da sociedade diante de questões ambientais, promover a preservação das identidades locais frente às ameaças da mineração e de eventos climáticos extremos, e conscientizar os(as) participantes sobre a importância do patrimônio cultural em relação às adversidades climáticas e econômicas.

Ao longo do projeto, foram realizadas oficinas com três grupos: a Comunidade de Ponte de Almorreimas, a Comunidade de São José do Parapeba e a Escola Estadual Paulina Aluotto Ferreira.

Para o desenvolvimento das atividades, foi criado um modelo básico para ser seguido como roteiro, de forma a padronizar o conteúdo a ser implementado e também conferir flexibilidade à abordagem conforme o público escolhido. Nas oficinas, foi abordada a realidade local e foram discutidas formas de fortalecimento das comunidades através da preservação de seus costumes e culturas. De forma geral, as oficinas seguiram o seguinte roteiro:

- | Apresentação dos(as) artistas e lideranças locais que ajudaram na condução das oficinas;
- | Abertura das atividades com apresentação musical e acolhida dos(as) participantes;
- | Bate-papo sobre patrimônio cultural, meio ambiente e história local;
- | Exposição de fotos e objetos locais;
- | Fornecimento de lanche tradicional preparado por quitandeiras locais;
- | Desenvolvimento das oficinas através de manifestações musicais, desenhos, cantos, danças, falas e pinturas;
- | Improvisação, de modo que a oficina caminhasse de acordo com a sensibilidade momentânea; e
- | Finalização da oficina com bate-papo e música direcionada, avaliação dos resultados e descontração para despedida.

Outros pontos fundamentais para o desenvolvimento das oficinas foram: a realização de visitas prévias para conhecer a realidade local e avaliar cada comunidade de acordo com suas necessidades; a promoção do protagonismo e a participação ativa dos envolvidos; e a troca de conhecimentos de forma lúdica, informal e artística, de forma a criar um ambiente propício para trocas entre membros da Banda e os moradores das comunidades.

Resultados

Nas oficinas, foram alcançados importantes resultados que não estavam previstos inicialmente, como o desenvolvimento do protagonismo individual

e coletivo nas comunidades, a promoção da autoestima, autonomia e autoconhecimento dos participantes, bem como o fortalecimento das relações sociais e interpessoais.

De forma geral, é possível apontar que as comunidades apresentaram diferentes desafios, mas todos eles tiveram uma causa em comum: os impactos da mineração e da crise climática sobre seus territórios e suas histórias. Outra questão comum, principalmente nas duas primeiras comunidades visitadas, foi a importância da recuperação de espaços de articulação comunitária no pós-pandemia.

O longo período de isolamento causado pela Covid-19 trouxe impactos significativos para estes locais, de forma que se perderam espaços antes utilizados pelos moradores não só para debater problemas locais, mas também para confraternizar e partilhar o sentimento de comunidade. A presença da Banda durante as oficinas auxiliou na recuperação destes espaços, contribuindo de forma positiva para a rearticulação das comunidades e potencializando o impacto das redes construídas a partir destes territórios.

A principal contribuição do projeto foi a demonstração da importância do patrimônio cultural para comunidades diretamente afetadas não só pela mineração, mas também por eventos climáticos extremos. Ao alternar assuntos difíceis de serem tratados – em função da sensibilidade e urgência do tema – com momentos de relaxamento e lazer – através da música, culinária e valorização das tradições locais –, o projeto mostrou que é possível levar conhecimento e engajar as pessoas em questões sérias e urgentes para as comunidades em que vivem.

As oficinas demonstraram que as comunidades de Brumadinho necessitam e são capazes de se fortalecer e se organizar em prol do bem-estar social e do planeta. Um ponto interessante para a replicação do projeto no futuro seria a realização de oficinas em todas as comunidades de Brumadinho, de forma a trabalhar a relação entre patrimônio cultural, a capacidade de resiliência das comunidades e o enfrentamento dos desastres ambientais e ameaças climá-

ticas. Além disso, propõe-se a criação de uma rede permanente entre essas comunidades, aliadas às escolas e aos jovens ativistas, para trocas de ideias, experiências e atitudes a serem tomadas em prol das comunidades, do município e do mundo.



Casa Quilombê - "Empretecência"

Público-alvo:

educadores pretos(as)

Alcance:

15+ pessoas

Metodologia:

encontros formativos –
imersão no Quilombo

Visão geral

O projeto Empretecência trouxe como ponto de partida o território quilombola, com o objetivo de fomentar uma rede de educadores(as) negros(as) em um processo de cocriação. Durante o projeto, reuniram-se 15 educadores(as) negros(as) de diversas áreas do conhecimento e formação, tais como biologia, artes visuais e plásticas, pedagogia, dança, teatro, música, museologia, fotografia, turismo e educação.

O projeto foi pautado pelos atos de acolher, pensar, ouvir, sentir e dialogar sobre ferramentas e metodologias no contexto da tríade cultura-clima-patrimônio. Seu objetivo foi potencializar as práticas educativas, sociais e artísticas já desenvolvidas pela Casa Quilombê, com olhares e experiências múltiplas e com o desejo de ampliar e somar forças para uma educação transformadora.

O programa educativo foi elaborado com base nas temáticas centrais: Educação, Patrimônio Cultural e Meio Ambiente. Desse modo, foram desenvolvidos debates que incluíram recortes específicos como arte, território, cultura, raça, gênero e mudanças climáticas. As ações foram pautadas visando conceber um processo cocriativo a par-

tir do acolhimento, da escuta ativa e da convivência, com o propósito de trabalhar metodologias ativas no âmbito da educação não-formal, da arte-educação e da educação ambiental e popular.

Durante o período de desenvolvimento do projeto, foi proposto um cronograma de encontros virtuais e a realização de um encontro de encerramento presencial na sede da Casa Quilombê, na Comunidade Quilombola de Marininhos. Inicialmente, foram organizados dois encontros de abertura para que os(as) educadores(as) se apresentassem para o grupo, narrando suas experiências, formações e perspectivas para os compartilhamentos, incluindo também a apresentação do programa educativo proposto pela Casa.

Os demais encontros virtuais trouxeram discussões acerca dos temas apresentados, como racismo ambiental, ecofeminismo, interseccionalidades, ativismo e a própria tríade cultura-clima-patrimônio. O trabalho foi desenvolvido a partir da escuta ativa dos compartilhamentos e propostas dos(as) participantes, buscando uma construção coletiva que contemplasse as particularidades de cada educador(a) em relação às práticas, atividades e ações educativas a serem desenvolvidas.

Uma importante atividade desenvolvida ao longo dos encontros foi a contribuição do grupo para a proposição, concepção e formulação de ações e atividades para aplicação com os participantes de um projeto socioeducativo na Casa Quilombê. As ideias trabalhadas nestes momentos de troca também tiveram como eixo central as temáticas educação, arte, cultura, raça, gênero, território e mudanças climáticas.

O encontro presencial, realizado ao final do projeto na sede da Casa Quilombê, contemplou um dia de

vivência quilombola com imersão no território, suas histórias, costumes, saberes e sabores, além de uma profunda investigação sobre os desafios e potencialidades do projeto. Os(as) educadores(as) foram convidados(as) a vivenciar de forma individual e coletiva suas percepções sobre o território e as possibilidades de aplicação das ideias, ferramentas, metodologias e atividades discutidas nos encontros anteriores.

Resultados

Os encontros entre os(as) educadores(as) foram inundados de acolhimento e escuta. Todos os corpos e as corpas negros(as) puderam se conhecer e reconhecer nos(as) demais, partilhando suas experiências e histórias. As discussões foram potentes e enriquecedoras no sentido de pensar uma educação antirracista e transformadora.

Cabe ressaltar que o maior resultado deste projeto foi a formação de uma rede de educadores(as) negros(as), com o objetivo de compartilhar e cocriar práticas educativas afrocentradas. Neste sentido, existem três grandes pontos que resultam da articulação desta rede:

1. A convergência entre diversas áreas do conhecimento;
2. A potencialização de um diálogo transversal por meio da arte; e
3. A construção de um processo cocriativo com grande potencial de multiplicação a partir dos pontos desta rede – os(as) educadores(as) em seus territórios.

Pelo fato de este coletivo ter sido formado por 15 educadores(as) negros(as) que trazem em suas vivências atravessamentos de mundo que só os corpos negros podem contar, debates importantes surgiram a partir deste território em comum. As experiências individuais de cada pessoa contribuíram para uma partilha de experiências muito rica, que terá desdobramentos positivos a partir não só da continuidade do projeto em outros contextos, mas também a partir do potencial multiplicador de



cada educador(a) em seus respectivos territórios.

Levando em conta abordagens e linguagens acessíveis para o público envolvido, o objetivo é, futuramente, ofertar atividades direcionadas para jovens e crianças quilombolas e para todos os moradores da Comunidade Quilombola de Marinhos, com dinâmicas compatíveis com as faixas etárias e características dos sujeitos envolvidos. Deve-se levar em consideração também as dificuldades estruturais que podem afetar as ações, como a mobilidade entre os territórios e o custo das atividades em questão.

Dada a relevância dos temas abordados e compreendendo a descentralização da informação, o programa educativo visa ao compartilhamento de experiências de forma local e global. Desenvolvendo metodologias que possam ser replicadas por outras instituições e em diferentes localidades e contextos, este projeto partiu de uma abordagem participativa, capaz de envolver atores locais através de um diálogo horizontal.

O projeto se mostra relevante pela sua capacidade de abordar metodologias que atuem no sentido de engajar a população na construção de ações para mitigar os impactos das mudanças climáticas, promover diálogos sobre a importância do patrimônio cultural local e quebrar as barreiras da minério-dependência. Acreditando no poder da ação conjunta e da força coletiva para que mudanças possam ser realizadas, o projeto Empretecência buscou construir um mundo sustentável, justo e saudável para todas e todos através dos saberes ancestrais, das cosmovisões e da multiculturalidade.

Clube Osquindô - "Encontros formativos da Rede Loucos por Leitura" Visão geral

Público-alvo:

mediadores(as) e educadores(as) literários(as)

Alcance:

11+ pessoas

Metodologia:

encontros formativos – contação de histórias – oficina musical – criação lúdica

Visão Geral

O projeto desenvolvido buscou retomar os espaços de encontro da Rede Loucos por Leitura (LPL), que há alguns anos funciona como uma rede de compartilhamento e difusão de experiências e práticas educativas nos territórios de Mariana. A experiência deste projeto proporcionou um novo olhar sobre as questões relativas ao clima e ao meio ambiente, compreendendo as formas possíveis de trabalhar cultura, educação e patrimônio a fim de inspirar e difundir entre crianças e adolescentes a importância de cultivar atitudes e práticas que busquem transformar suas comunidades e territórios.

A Rede Loucos por Leitura é uma iniciativa que articula pontos de leitura escolares e comunitários em bairros e distritos de Mariana, atuando coletivamente por meio de ações sistematizadas que visam intercambiar as experiências dos(as) participantes e fortalecer práticas de fomento à leitura junto a crianças e jovens. Entre as principais práticas desenvolvidas pela Rede estão a formação de mediadores(as) de leitura por meio de oficinas e intercâmbios.

bios, a realização de campanhas para ampliação e melhoria de acervos, a articulação de uma programação integrada entre todos(as) os(as) participantes e a promoção de eventos com foco na leitura.

Os encontros formativos do programa educacional aconteceram de forma presencial, com oficinas de capacitação. As ferramentas pedagógicas utilizadas nos encontros se basearam em quatro elementos didáticos: música, oralidade, artes plásticas e ludicidade. O objetivo geral das oficinas foi abordar estes elementos de forma conectada ao patrimônio, apresentando soluções criativas e inspiradoras para os(as) mediadores(as) e incentivando a criação de atividades lúdicas, integradas e sustentáveis que usassem as histórias como meio de sensibilização à temática ambiental.

O público-alvo do projeto foram educadores(as) que já faziam parte da Rede LPL. Onze pessoas foram capacitadas durante as oficinas, que foram ministradas por parceiros(as) da Rede na sede do Clube Osquindô. Além dos(as) 11 educadores(as) diretamente impactados(as), a perspectiva é de que todas as crianças e os(as) jovens participantes da Rede Loucos por Leitura venham a ser impactados(as) também.

Os encontros formativos aconteceram quinzenalmente, entre abril e junho de 2022, com cerca de 4 horas de duração cada. Participaram das formações educadores(as) representantes de cinco pontos de leitura que fazem parte da Rede LPL: Osquindoteca, Cantinho do Saber, Biblioteca Comunitária Espaço Prainha, Biblioteca Monteiro Lobato e Biblioteca Escolar Municipal Monsenhor José Cota.

As oficinas foram divididas em quatro eixos:

| **Contação de histórias: Conectando o imaginário à arte de escrever e contar histórias** – o patrimônio em forma de Histórias. Métricas literárias que criam caminhos para o processo de contação de histórias, releituras de livros, criação de textos coletivos e outros. Conectando o imaginário à arte de escrever e contar histórias.

| **Arte Manual com materiais reutilizáveis** – a sustentabilidade pensada através da arte do toque. Soluções criativas na reutilização de resíduos tendo a arte e a sustentabilidade como instrumentos de educação.

| **Musicalização, memórias e Patrimônio Imaterial** – a música na construção de memórias conscientes do Patrimônio Imaterial. Brincadeiras musicais que inspiram a olhar para diferentes culturas (povos indígenas, espaço escolar, folclore brasileiro, entre outros) e nos conectam à arte de ouvir, cantar e criar materiais sonoros por meio do processo de reutilização de resíduos.

| **Criação lúdica coletiva sustentável** – prática de criação coletiva sustentável. Tomando as técnicas oferecidas nas oficinas anteriores como inspiração, neste encontro foram escolhidos temas e objetos para a criação de atividades lúdicas que contemplassem a temática ambiental. O objetivo era dedicar um momento para que os(as) mediadores(as) colocassem em prática algumas das estratégias que mais lhes haviam feito sentido.

Resultados

A experiência com a Rede Loucos por Leitura evidenciou a importância do Programa Educacional como ponte para reconectar o Clube Osquindô à comunidade, visto que, durante a pandemia de Covid-19, os encontros foram suspensos. Em momentos de crise, quando os vínculos de articulação comunitária são ainda mais importantes, é também quando é mais difícil mantê-los. Por isso, a reativação da Rede Loucos por Leitura foi um resultado positivo para este processo de reconexão com as comunidades de Passagem de Mariana.

Outra reflexão importante diz respeito à ne-

cessidade de repensar a mineração como única perspectiva de desenvolvimento econômico para a comunidade; nesse sentido, a cultura mostra-se como uma alternativa viável e sustentável ao modelo econômico pautado pela minério-dependência.

É preciso pensar formas de conectar a comunidade ao seu patrimônio cultural, e a leitura é uma ferramenta importante para despertar novos olhares sobre a temática. A leitura de um livro não é somente a leitura de uma história. É, também, a leitura do mundo, e, por isso, a capacitação de educadores(as) por meio da arte literária se mostra relevante em um contexto de reativação das redes comunitárias.



Lucas Fabrício - "Memórias à beira do rio"

Público-alvo:

crianças e adolescentes de 9 a 15 anos e educadoras

Alcance:

40+ pessoas

Metodologia:

improvisação – jogo teatral – brincadeiras e jogos coletivos – caminhadas pelo território – elaboração de mapas afetivos

Visão geral

O distrito de Honório Bicalho está localizado a alguns minutos do centro de Nova Lima, às margens da rodovia MG-030 e do Rio das Velhas, ocupando uma região conhecida pelo turismo ecológico. Os cerca de 2.900 habitantes de Bicalho se distribuem na ocupação de sua área plana, onde se localizam as principais ruas e serviços, com exceção de algumas casas nos morros, sítios e loteamentos mais afastados, dando à região características rurais e uma relação de proximidade com a natureza, inclusive com o rio que transcorre o bairro e atravessa seu cotidiano.

Em função do grande volume de chuvas, em janeiro de 2022, o rio subiu como nunca antes, e parte do bairro de Honório Bicalho foi inundada, com o nível da água chegando a quase dois metros de altura nas áreas planas. Casas, comércio e equipamentos públicos foram cobertos pela água. Felizmente, não houve mortes ou acidentes graves. Mesmo assim, a destruição foi intensa.

O risco ambiental parece incorporar-se à cidade, como se a iminência da destruição de um terri-

tório passasse a fazer parte de sua existência. Assim, "rota de fuga", "ponto de encontro" e alarmes sonoros públicos tornam-se elementos urbanos que, por seu caráter também de signo, fazem reviver a experiência do desastre no cotidiano da cidade.

Por outro lado, reflexões sobre a maneira como as questões ambientais e climáticas estão atreladas ao cotidiano, para além dos contextos trágicos que permanecem distantes do dia a dia na cidade, também por influências de modos de vida que muitas vezes separam o urbano do natural.

O programa educativo "Memórias à beira do rio" teve como proposta desenvolver oficinas de teatro nas ruas do distrito de Honório Bicalho para, através da prática teatral, investigar como a abordagem de memórias individuais e coletivas relacionadas ao território pode estimular a conscientização e o engajamento com o meio ambiente.

Ao longo dos meses de maio e início de junho de 2022, as oficinas foram realizadas em parceria com a Escola Estadual Josefina Wanderley Azeredo, que ofereceu apoio na logística e na convocação de estudantes. As práticas tiveram formato livre, sem inscrição prévia, favorecendo a participação espontânea de crianças e adolescentes do bairro, a diversidade de faixa etária e o diálogo com as culturas locais do público-alvo. Além disso, também foi promovida uma atividade de formação para professoras da escola, que teve a participação de cerca de 25 educadoras.

As oficinas se guiaram por uma noção da prática teatral como uma atividade pública, aberta para diferentes faixas etárias e realizada na rua, apropriando-se de suas espacialidades e arquiteturas e partindo de um ponto de vista definido: a relação

entre moradores(as) do bairro e o Rio das Velhas.

O projeto foi divulgado presencialmente junto aos(as) estudantes, e os encontros partiam do pátio exterior da escola para se explorarem outras regiões do bairro. Pouco a pouco, a partir da percepção das dinâmicas da escola e de estudantes, o grupo começou a perceber alguns fluxos do bairro e suas pulsações: as rotas, os pontos de encontro, os alarmes sonoros e os modos de vida das crianças e adolescentes, que se tornaram guias para as criações.

A proposta pedagógica das oficinas partiu da improvisação e do jogo teatral para desenvolver vivências artísticas abordando o território. No primeiro momento, buscou-se reconhecer qual era o perfil do grupo: quais as referências artísticas dessas pessoas? Como elas jogam? Do que brincam? Como convivem no bairro? Essa escuta revelou caminhos para a criação de vínculos com a comunidade, como a percepção da bola e da bicicleta como elementos potentes para a criação de vínculos.

Através destes dois elementos, articularam-se propostas de brincadeiras e jogos coletivos para introduzir a prática teatral, ao mesmo tempo em que se fortalecia a coletividade para, pouco a pouco, trazer contornos específicos da linguagem do teatro. A improvisação foi a pedagogia teatral escolhida para abordar as histórias e memórias relacionadas ao território.

A proposta-eixo das oficinas foi abordar a relação de moradores(as) de Honório Bicalho com o Rio das Velhas. Para isso, buscou-se estimular o compartilhamento de memórias e lembranças sobre o bairro, abordando tanto a enchente de janeiro de 2022, quanto narrativas de vivências anteriores, revelando modos de vida e de relação com a natureza.

Em cada dia de prática, para além de jogos teatrais e de improvisação, foi desenvolvida uma proposta criativa articulando percepções e elaborações sobre o território, além de estratégias para preservação do meio ambiente:

- | **Cartografia:** criação de um mapa a partir das suas vivências e deslocamentos pelo bairro;
- | **Trajectoria:** experimentação de fluxos, trajetos e caminhadas pelo bairro, manipulando um objeto cênico (tecido);
- | **Tempo:** criação de varal de lembranças a partir de memórias vividas no território e projeções para o futuro – do que você se lembra e o que você projeta para o bairro;
- | **Memória:** conversa e compartilhamento de memórias com moradores(as) do bairro, a partir da relação com o meio ambiente e da enchente de janeiro de 2022; e
- | **Mitologia:** investigação de narrativas sobre o rio e sobre o meio ambiente a partir de cosmogonias negras e indígenas.

Em maio de 2022, durante uma formação para professoras promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Nova Lima, foi compartilhado com o público presente um pouco do processo de criação e implementação do Programa Educativo, abordando as relações entre território, cultura e meio ambiente, inclusive ampliando o debate para incluir perspectivas acerca da questão étnico-racial. A atividade ocorreu em dois turnos (manhã e tarde) com dois grupos diferentes de docentes. Além do compartilhamento oral da pesquisa e de seus desdobramentos, também foi realizada a prática artística do item memória do Programa Educativo, desenvolvendo junto às professoras um varal de memórias relacionadas ao território.

Resultados

O principal motor para o projeto “Memórias à beira do rio” esteve na **construção de uma relação com os moradores de Honório Bicalho e com o território** através da proposta de um teatro público que se estabeleceu a partir de uma incursão sensível no bairro. Assim, na primeira etapa das oficinas foi necessário reconhecer o grupo, suas noções de teatro e sua relação com o bairro e com o meio ambiente para, a partir daí, introduzir propostas de experiências artísticas atreladas àquele contexto. O teatro, às vezes, amedronta, e por isso foi importante desenhar uma perspectiva para a prática teatral em diálogo com o próprio grupo.

Brincadeiras tradicionais foram o primeiro caminho para o engajamento do grupo e a aproximação à prática teatral. **A oficina de teatro era um lugar para brincar**, e a prática de jogos com bola, rouba bandeira, exercícios de atenção e prontidão ajudaram o grupo a se estabelecer como coletivo e a construir regras básicas para essa relação. *Quando começa? Como termina? Quem pode participar? Quem pode só ver? E quando a gente se desentender? E se eu precisar sair pra ir ali rapidinho? E se não gostar do jogo?*

Na medida em que o vínculo se fortalecia, jo-

gos de iniciação teatral foram introduzidos, alternados com brincadeiras tradicionais: exercícios de atenção, prontidão e escuta, jogos de memorização, contação de histórias e improvisação de cenas. Logo, os temas e assuntos das práticas iam se direcionando para a relação com o bairro e com o meio ambiente, o que estimulava a exploração do bairro.

Na etapa final, em cada dia de oficina era proposta uma prática criativa explorando cartografia (criação de mapa do território), trajetória (caminhadas teatralizadas pelo bairro), tempo (criação de varal de lembranças), memória (gravação de memórias e depoimentos em áudio) e mitologia (pesquisa de mitos e lendas sobre o território), gerando uma experiência/registro diferente.

Para o desenvolvimento de uma experiência ainda mais significativa e o aprofundamento nas relações entre arte, memória, território e meio ambiente, é importante considerar a continuidade do projeto no território. Além disso, a experiência deste projeto poderá ser replicada em outros contextos ou partilhada através de comunicações para professores, artistas, gestores públicos e demais interessados, a fim de divulgar seus princípios, metodologias e resultados provisórios.



Thiago SKP - “O rap como ferramenta de arte-educação”

Público-alvo:

estudantes de 10 a 14 anos e educadores

Alcance:

200+ pessoas

Metodologia:

rap – musicalização – encontros formativos – imersão nas escolas

Visão geral

O projeto foi desenvolvido em quatro escolas públicas de Itabira: Colégio Municipal Professora Didi Andrade, Escola Estadual Major Lage, Escola Municipal Professora Antonina Moreira e Escola Municipal Nico Andrade. Seu objetivo principal foi promover uma série de diálogos com jovens estudantes sobre cultura, clima e patrimônio, utilizando a arte e o rap como ferramentas de conexão entre o arte-educador e os(as) estudantes.

Nas escolas, os encontros aconteceram em dois momentos diferentes: primeiramente, foram realizadas oficinas e rodas de conversa com os(as) alunos(as) para realizar atividades de sensibilização sobre mudanças climáticas e cultura. Em seguida, foram realizadas reuniões com os(as) educadores(as) nas escolas para definição dos conteúdos e do formato dos materiais educativos que resultaram do projeto.

Nas oficinas, a abordagem com os(as) alunos(as) foi feita de forma descontraída, utilizando o rap e a poesia como formas de aproximação do

arte-educador com o público jovem. Foram apresentados textos, frases, poesias e letras de rap para explicar o universo do movimento hip hop para o público e, então, introduzir as temáticas do projeto a partir dessas linguagens artísticas.

Inicialmente, foram feitos dois questionamentos: *Você já ouviu falar de mudanças climáticas? Para você, o que causa as mudanças climáticas?*

Estas perguntas foram o ponto inicial da conversa com os(as) jovens e tinham como objetivo verificar o grau de familiaridade com o tema e preparar dinâmicas de sensibilização adequadas a cada turma. O arte-educador trouxe também a importância da inserção literária como ferramenta para conectar os(as) jovens e despertar o interesse em formatos artísticos que lhes permitam exercitar sua expressividade. Ao longo dos encontros, foi proposta a criação de músicas em parceria com os(as) estudantes para introduzir o tema das mudanças climáticas e familiarizar o público com os termos que seriam trabalhados ao longo do projeto, tendo sempre a arte como referencial para a sensibilização com os temas propostos.

A troca com os(as) educadores(as) também foi importante ao longo de todo o processo, pois auxiliou a elaboração de um material didático sobre clima e cultura acessível e replicável em outras comunidades. Nesta segunda etapa do projeto, foram realizadas reuniões com pedagogos(as) e professores(as) das escolas participantes, a fim de consultar os(as) educadores(as) a respeito de formatos pedagógicos interessantes para a replicação do projeto em outros ambientes de aprendizagem.

As demais etapas do projeto foram desenvolvidas fora das escolas e tiveram como ponto de parti-



da a composição da música O clima tá tenso, um rap que versa sobre os efeitos das mudanças climáticas e busca chamar a atenção da juventude para este problema. Além disso, o material educativo desenvolvido em parceria com os(as) educadores(as) transformou-se em uma cartilha a ser apresentada em outras escolas a fim de disseminar a discussão sobre o tema e facilitar sua abordagem por outros(as) educadores(as) – em um formato que também chamasse a atenção dos(as) alunos(as). Paralelamente à elaboração da cartilha, foi desenvolvido um videoclipe educativo para a música O clima tá tenso a partir de imagens feitas nas escolas ao longo do projeto, a fim de complementar a cartilha apresentada aos alunos.

A última etapa do projeto foi o plantio de 120 mudas de árvores nativas no Pico do Amor, junto aos(as) alunos(as), para conectar os conhecimentos adquiridos ao longo do projeto a uma ação concreta que incide positivamente na visão que os jovens têm do patrimônio natural e cultural de Itabira. A atividade buscou unir as informações levadas pelo arte-educador ao longo do projeto à experiência prática dos(as) alunos(as) de fazer parte de uma ação de regeneração do patrimônio natural – unindo conhecimento e vivência para gerar consciência ambiental.

Resultados

Os maiores desafios encontrados durante a realização do projeto foram aqueles relacionados às necessidades de adaptação das atividades de acordo com cada escola. Nesse sentido, estruturar um mapeamento metodológico das ideias que serão trabalhadas ao longo do projeto é fundamental para garantir que todos os objetivos sejam alcançados ao longo de cada etapa.

É importante deixar bastante claro o mapa de ação do projeto, o escopo de cada atividade e o objetivo de cada uma das ações, a fim de trabalhar com as realidades específicas de cada espaço de aprendizagem e adaptar o projeto conforme a recepção de cada comunidade. A flexibilidade é uma característica chave para o bom andamento do projeto, em função da especificidade de cada ambiente escolar trabalhado e da própria dinâmica com os(as) estudantes, que se adapta a cada encontro em função do perfil das turmas.

De forma geral, é possível resumir os resultados do projeto da seguinte maneira:

1. É fundamental considerar a arte como uma linguagem capaz de instrumentalizar a conexão entre arte-educador e estudantes;
2. A liberdade artística é essencial para despertar as diversas potencialidades de trabalho em ambientes de aprendizagem voltados ao público infanto-juvenil;
3. É essencial trabalhar de forma flexível, a fim de se considerarem as especificidades dos territórios e se desenharem abordagens metodológicas que se relacionem com as realidades de cada local.

Resultados do Programa Educacional I: avaliação do público-alvo

Ao final do Programa Educacional I, os(as) participantes responderam a um breve questionário de avaliação, a fim de mapear suas impressões a respeito das atividades e o impacto geral do projeto sobre o público-alvo. A pesquisa buscou investigar três aspectos: (1) a percepção do público sobre o próprio aprendizado; (2) a

sensibilização das pessoas a respeito da relação entre questões climáticas e patrimônios culturais; e (3) a avaliação, por parte do público-alvo, do programa em si, seja através da atribuição de notas, seja através da escolha de palavras descritivas dos sentimentos que o projeto suscitou.

Em relação ao **aprendizado**, 86% dos(as) respondentes afirmaram ter adquirido novos conhecimentos sobre meio ambiente e mudanças climáticas por meio do programa.

Entre 1 e 5, em que 1 significa nada e 5 significa muito, o quanto você considera que aprendeu sobre meio ambiente e mudanças climáticas durante o projeto Raízes de Resiliência?



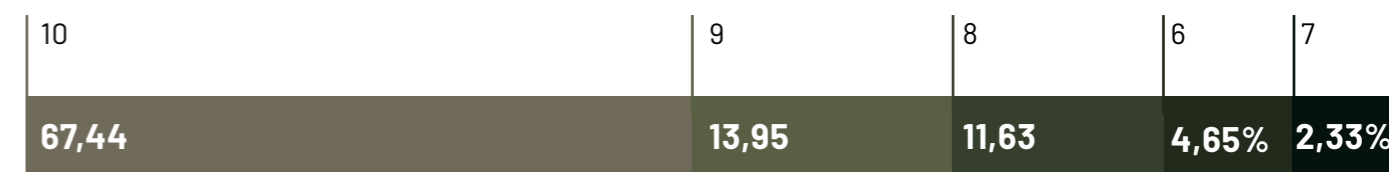
Em relação ao segundo ponto, todos(as) respondentes entendem que as mudanças do clima causadas pela ação humana afetam negativamente os patrimônios culturais.

Você considera que as mudanças climáticas causadas por ações humanas podem afetar patrimônios culturais?



Em termos de avaliação por parte do público-alvo, o projeto Raízes de Resiliência, por meio do Programa Educacional I, foi considerado bom, muito bom ou excelente por 93% das pessoas que responderam à pesquisa.

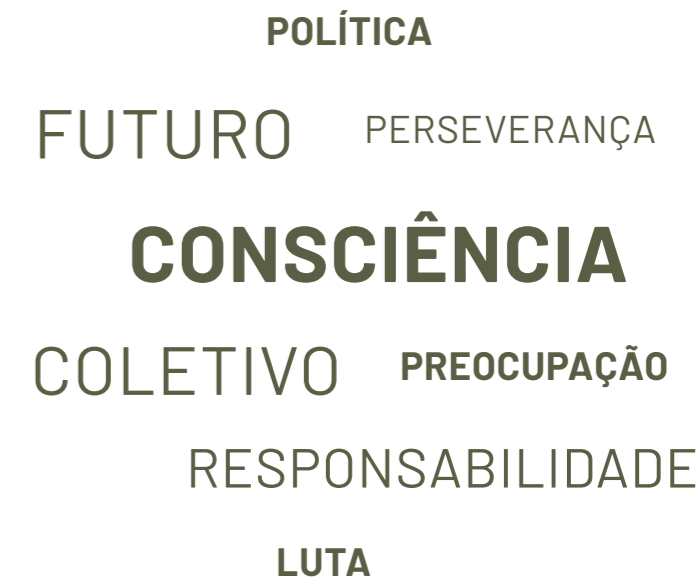
Entre 1 e 10, em que 1 é muito negativo e 10 muito positivo, como você avalia o projeto Raízes de Resiliência?



Por fim, as palavras mais recorrentes para descrever os sentimentos do público em relação ao projeto foram: consciência, futuro, coletivo e responsabilidade. Isso demonstra que as ações implementadas pelas organizações e artistas parceiros despertaram sentimentos positivos em relação à importância da arte e da cultura para promover mudanças nos territórios trabalhados.

As comunidades entendem que o despertar de uma consciência crítica em relação aos impactos da crise climática e de desastres ambientais é fundamental para chamar atenção para a importância do coletivo na luta contra as mudanças climáticas. Nesse sentido, a responsabilidade precisa ser compartilhada entre agentes comunitários, poder público, setor privado e organizações da sociedade civil, a fim de unir forças para a construção de um futuro mais justo e sustentável.

Que palavras descrevem melhor seu sentimento em relação ao Projeto Raízes de Resiliência?



Considerações finais

O Programa Educacional I teve como principal legado a criação de seis projetos diversos, que viabilizaram o desenvolvimento de metodologias inéditas de arte-educação voltadas para o debate das mudanças climáticas e da importância do patrimônio cultural em cada um dos territórios abrangidos pelas ações educativas. Nesse sentido, cabe ressaltar que o papel da PPP ao longo do desenvolvimento dos projetos foi o de suporte à atuação das organizações e artistas junto às comunidades locais, a fim de fornecer o suporte adequado e garantir que os projetos tivessem acesso às ferramentas necessárias para sua execução.

Apesar de as organizações e os artistas terem adotado abordagens distintas, é possível apontar caminhos comuns tomados durante o desenvolvimento do Programa Educacional I: a educação como ponte entre o setor cultural e as comunidades locais, o reconhecimento do patrimônio como amálgama das experiências comunitárias e a conscientização ambiental como ponto chave para o engajamento comunitário.

É interessante notar também as diferentes metodologias de base artística empregadas pelas organizações durante a implementação do Programa Educacional: aulas, oficinas de artes plásticas e visuais, musicoterapia, oficinas literárias e apresentações de teatro são alguns dos exemplos de atividades realizadas no âmbito do programa. A variedade de metodologias permitiu que o tema inicial – mudanças climáticas, cultura e patrimônio – fosse abordado a partir de diversas frentes de sensibilização simultaneamente, o que ampliou os canais de diálogo e contribuiu positivamente para o impacto do Programa nos diferentes contextos em que foi aplicado. Com isso, fomenta-se a continuidade dos projetos a partir da apropriação das

metodologias trabalhadas tanto por parte das organizações culturais, quanto por parte das comunidades.

Ao longo da aplicação das atividades, as organizações e os artistas testaram o uso de diferentes linguagens e referências culturais: hip-hop/rap, teatro/performance cênica, música de banda (orquestra de metais), leitura/escrita criativa e tradições culturais afro-brasileiras. De forma geral, a sensibilização sobre as temáticas de patrimônio cultural e clima partiu da aplicação das metodologias supracitadas, tendo a prática cultural e artística como instrumento de diálogo com as comunidades.

Os resultados do Programa Educacional I foram apresentados em junho de 2022 em uma série de Seminários Locais, realizados em Brumadinho, Passagem de Mariana e Itabira. Na ocasião, as organizações culturais e os artistas apresentaram suas metodologias de trabalho, os objetivos de cada projeto e os principais resultados das atividades desenvolvidas.

Os seminários também contaram com a presença dos(as) participantes do Programa Jovens Embaixadores, que narraram sua experiência e apresentaram os resultados das ações que desenvolveram no âmbito do projeto. Além disso, essa série de seminários contou com a presença da comunidade, de lideranças comunitárias e ativistas socioambientais e políticos. Nessas ocasiões, foi discutida a importância da preservação dos patrimônios culturais e da construção de resiliência dos territórios afetados por desastres ambientais e por eventos climáticos extremos.

2.4. Programa Educacional II

Pessoas alcançadas:
+1300

Cidades trabalhadas:

Brumadinho (Comunidade Quilombola de Marinheiros e centro de Brumadinho), Itabira, Nova Lima e Belo Horizonte

Escolas trabalhadas:
10 escolas

Metodologias de trabalho:

hip-hop/rap, teatro/performance, música, tradições culturais afro brasileiras

O Programa Educacional II teve como objetivo dar continuidade às ações do Programa Educacional I, a fim de expandir as redes e o escopo de atuação das organizações culturais e artistas, bem como promover o aprimoramento das metodologias criadas e a troca de experiências entre os diferentes territórios abrangidos na primeira fase do programa. Para atender às expectativas de expansão do Programa Educacional I, foram propostas as seguintes metas:

- | Promover a troca de conhecimentos e metodologias entre as organizações e os artistas participantes;
- | Aplicar questionários de pesquisa junto aos(as) estudantes participantes do projeto, antes e depois de cada atividade;

| Desenvolver atividades em pelo menos 4 cidades;

| Cada cidade onde o Programa Educacional I se desenvolveu (Itabira, Nova Lima e Brumadinho) deveria receber ao menos uma organização cultural/artista;

| Cada organização/artista deveria desenvolver atividades em pelo menos uma cidade que não a sua;

| Promover atividades em, no mínimo, 8 escolas;

| Atingir pelo menos 800 jovens.

Assim, em 2023, o Programa Educacional foi remodelado para atender aos seus novos objetivos: duas organizações culturais e dois artistas participantes da primeira edição foram convidados a implementar a nova fase do projeto de forma colaborativa. Essa etapa do Programa Educacional foi implementada pela Banda São Sebastião (Brumadinho), pela Casa Quilombê (Comunidade Quilombola de Marinheiros – Brumadinho), bem como pelos artistas Lucas Fabrício (Nova Lima) e Thiago SKP (Itabira).

O objetivo principal do programa foi promover a troca de conhecimento e de abordagens pedagógicas, levando em consideração a multiplicidade de metodologias desenvolvidas pelos(as) agentes durante a primeira fase do Programa. Para isso, organizações culturais e artistas trabalharam colaborativamente na promoção de atividades de sensibilização sobre arte, clima e patrimônios culturais em escolas localizadas em quatro cidades mineiras: Belo Horizonte, Brumadinho, Itabira e Nova Lima.

O grupo visitou 10 escolas ao longo do mês de abril de 2023, atingindo mais de 1.300 alunos de faixas etárias diversas. Com abordagens que variavam entre performances teatrais, hip hop/rimas e atividades de consciência corporal e musicalização, as organizações culturais e os artistas envolvidos no projeto expandiram a rede construída ao longo da primeira fase do projeto.

Neste relatório, são documentadas as experiências desenvolvidas no escopo do Programa Educacional em 2023, com o objetivo de trazer novas perspectivas de engajamento de jovens de diversos contextos sociais em temáticas relacionadas à crise climática, utilizando a arte como meio de sensibilização para as abordagens propostas.

O processo: trocas entre as organizações culturais e os artistas

O processo de planejamento foi uma das principais etapas compartilhadas pelos representantes das organizações culturais e artistas: Jana Janeiro e Reibatique (Casa Quilombê), Lucas Fabrício, Thiago SKP e Javér Ribeiro, Raira Andrade, Renata Villaça e Samanta de Jesus (Banda São Sebastião). Essa fase foi crucial para que, juntos, artistas e arte-educadores pudessem propor e executar atividades educativas que trouxessem à tona novamente a essência vivenciada individualmente na primeira etapa do Programa Educacional, em 2022.

Com um público-alvo composto por faixas etárias diversas e variando-se o número de participantes por oficina e instituição escolar, as organizações e artistas iniciaram o Programa Educacional II com um processo de reflexão a respeito das propostas que poderiam ser realizadas em cada contexto. Nesse

sentido, o desenvolvimento das atividades e estratégias de ensino e comunicação foi pautado pela prática ativa e a flexibilidade diante das demandas que se apresentaram no decorrer da turnê arte-educativa.

Detalhamento das atividades

Banda São Sebastião

O projeto pedagógico com oficinas temáticas nas escolas teve como objetivo conscientizar crianças e adolescentes matriculados(as) em escolas públicas sobre a situação da crise climática e demais questões ambientais sob a ótica da arte, cultura e do patrimônio cultural.

As oficinas realizadas tiveram uma forte orientação prática, visando ao engajamento da comunidade nas escolas. Além disso, as oficinas foram marcadas pela diversidade de abordagens de ensino e aprendizagem e basearam-se nas competências da aprendizagem aberta, por meio da qual estudantes exercitaram suas habilidades e conhecimentos sobre mudanças climáticas. Essas competências se subdividiram em seis tópicos:

| **Competências de gestão da informação:** receber, expressar e apresentar informações; organizar e processar informações; avaliar informações.

| **Competências de pensamento crítico:** avaliar dados criticamente; desenvolver pensamento criativo; resolver problemas; fazer julgamentos éticos; decodificar e desconstruir mensagens da mídia; tomar decisões; desenvolver pensamento sistêmico e relacional; considerar o particular como parte do todo.

| **Competências de ação:** desenvolver ações de mudança e defesa; elaborar campanhas; alfabetizar com envolvimento (avaliar as opções de ação criticamente); adaptar-se e evitar riscos.

| **Competências de interação:** construir consenso e negociação; ser assertivo(a); escutar; cooperar; gerir conflitos; desenvolver empatia e demonstrar solidariedade.

| **Competências orientadas a futuros:** antever; extrapolar; prever; desenvolver retrovisão (capacidade de pensar em retrospecto a partir de um ponto de um futuro desejável).

| **Competências pessoais:** desenvolver congruência (capacidade de discernir e agir nas inconsistências entre atitudes e valores e comportamento real); enfrentar emocionalmente; centralizar (harmonizar aspectos emocionais, intelectuais, físicos e espirituais de si); viver de forma simples.

Resultados

Resultados das atividades foram: a transformação da percepção de jovens sobre os temas abordados, valorização de si mesmos(as) e construção da auto estima, e o estímulo à capacidade de encontrar novas formas de construir um mundo mais justo e sustentável.

Na busca pelo desenvolvimento dos(as) participantes, a música atuou como elemento de exploração da individualidade e de compreensão dos próprios sentimentos, além de estimular habilidades como a interpretação, a autoexpressão e a valorização da própria identidade.

As atividades executadas contribuíram para a transformação educacional nas inserções culturais e práticas dos territórios trabalhados, a fim de levar os(as) jovens a refletirem sobre si mesmos(as), seu campo gestual e suas ações de intervenção na sociedade.

Além de incentivar a convivência harmônica entre os(as) participantes, o projeto buscou encontrar formas de conscientizar e avaliar como os estudantes enxergam as crises ambientais, as mudanças climáticas, a arte e a cultura e, por fim, mas não menos importante, sua capacidade de resiliência frente a estes eventos.

Casa Quilombê

O corpo educador da Casa Quilombê desenhou uma metodologia para atender ao público proposto para esta segunda etapa do Programa Educacional. No Programa Educacional I, a organização incluiu em suas atividades um recorte racial em razão do contexto do seu território de atuação – uma comunidade quilombola. Já na segunda fase do programa, a Casa Quilombê resgatou e ampliou as discussões, entendendo que é impossível tratar de mudanças climáticas sem falar de raça.

Partindo do campo das experiências compartilhadas na Casa Quilombê como espaço-território de arte, cultura e educação, a organização embarcou nessa etapa do Programa Educacional para construir, junto a outros artistas-educadores, uma jornada de atividades de sensibilização sobre as mudanças climáticas por meio da arte-educação, a fim de pensar coletivamente sobre a importância dos patrimônios culturais do Quadrilátero Aquífero-Ferífero.

A arte-educação foi utilizada em uma abordagem interdisciplinar sobre mudanças climáticas,

territórios, arte, educação e raça, compreendendo a importância de engajar jovens, crianças e estudantes na preservação do meio ambiente e na manutenção de saberes dos territórios. O objetivo do projeto foi a realização de ações para debater, através da arte, as formas pelas quais as mudanças climáticas afetam a produção de alimentos, a qualidade do ar e das águas e os saberes das comunidades e suas manifestações culturais.

Esse objetivo foi atingido por meio da realização de atividades educativas com foco no engajamento juvenil e na sensibilização do público infantil para cuidar do planeta e de suas comunidades. Ofertando oficinas de arte-educação, com um convite através da música, do teatro, da pintura, de imagens e do corpo/movimento, foi possível criar pontes para o entendimento de como os impactos ambientais modificam os territórios nos quais jovens e crianças estão inseridos(as).

As ações educativas pautaram-se pelo intercâmbio dos saberes de cada território, compreendendo o coletivo e o global, mas também prestando atenção às individualidades de cada local. Nas oficinas, a Casa Quilombê apresentou sua história e abordou questões importantes referentes à cosmovisão do quilombo: seus modos de cuidado com a terra, seus patrimônios, suas manifestações culturais, sua prática de agricultura familiar e sua interação com a natureza.

Resultados

Levando em consideração a importância da interlocução das iniciativas educativas com os territórios e seus agentes, o Programa Educacional II evidenciou a necessidade de o trabalho escolar ultrapassar os muros da escola, não se reduzindo à mera

acumulação de conhecimentos por parte dos alunos. É importante envolver o contexto da localidade onde os(as) jovens estão inseridos(as), incorporando educadores(as)/professores(as) e as comunidades escolares nestes diálogos, convocando também o sentimento de pertencimento ao processo de formação e transformação da realidade que os(as) envolve. Assim, educandos(as) e educadores(as) podem compreender o desequilíbrio socioambiental a partir de suas práticas como cidadãos(ãs).

A arte como ferramenta educacional pode contribuir com esse processo, podendo ser exercida de diferentes maneiras e com as mais variadas técnicas, desde que gere os questionamentos e os subsídios para a discussão em sala de aula e para além dela. Sendo abordada como uma ação potencializadora, a arte deve ser vista como uma dimensão para dinamizar o processo educativo, a fim de cumprir seu objetivo. É necessário promover uma maior articulação entre arte e educação ambiental, de modo a propiciar maior aprofundamento teórico sem limitações aos aspectos práticos. Isto torna necessária a inclusão de forma mais intensa das temáticas ambiental e climática em todos os níveis de ensino, na formação dos professores(as) e, principalmente, nos projetos pedagógicos das escolas.

É fundamental investir no poder da ação conjunta e da força coletiva para que mudanças possam ser realizadas rumo à construção de um mundo sustentável, justo e saudável para todos. Mudanças estas que são potencializadas por encontros e conexões como as vivenciadas em uma construção interdisciplinar, que conecta experiências diversas e campos de conhecimento múltiplos, convidando à ativação dos saberes ancestrais, das cosmovisões diversas e da multiculturalidade. Essa articu-

lação proporcionada pela arte enquanto ferramenta de sensibilização permite criar uma educação que transforma, liberta e abre novas janelas para a construção de um mundo melhor.

Lucas Fabrício

A diversidade de contextos de aplicação do Programa Educacional II gerou desafios para o planejamento artístico e pedagógico. Como elaborar um planejamento que se adapte às diferentes faixas etárias atendidas, de crianças de 4 a jovens de 18 anos, articulando arte e mudanças climáticas? Além disso, como pensar um planejamento poroso o suficiente para se adequar aos contextos escolares e territoriais de cada cidade?

Levar em conta a faixa etária do público-alvo não significa adotar um determinismo no olhar para crianças, adolescentes e jovens, mas reconhecer que a arte e sua pedagogia dispõem de perspectivas metodológicas que podem contribuir na criação das melhores estratégias para cada público, despertando engajamento e interesse. Da mesma forma, os contextos urbanos ou naturais das escolas e seu entorno também são importantes elementos pedagógicos, capazes de ativar imaginários e provocar discussões. Esses múltiplos cenários abrangem memórias, contextos sociais e políticos e a própria realidade das escolas públicas de Minas Gerais.

Na condição de educador, Lucas elaborou um repertório de práticas e objetos de trabalho a partir da experiência desenvolvida no Programa Educacional I, que o auxiliou nas oficinas em cada escola. A partir deste repertório, o artista buscou em cada contexto, e em diálogo com outros artistas do projeto, elaborar metodologias adequadas. Assim, o Programa

Educacional II não foi apenas a aplicação de oficinas artísticas, mas um processo de criação de uma poética própria de trabalho, que abrangeu a identidade artística de cada arte-educador(a) envolvido(a), as questões de cada território e os contextos escolares disponíveis para atuação.

Para a ampliação da noção de “espaço educacional”, Lucas reconheceu como lugares pedagógicos outros espaços e movimentos culturais, buscando acessá-los para desenvolvimento do Programa. Assim, além das atividades em escolas, promoveu-se uma roda de conversa sobre os temas do Programa Educacional II no terreiro de candomblé Ilé à Danlowo, localizado na cidade de Nova Lima.

As comunidades religiosas de matriz africana são patrimônio cultural vivo, representantes da resistência histórica das populações negras nos territórios e também são afetadas pelas mudanças climáticas e pela atividade minerária. São espaços de preservação de saberes ancestrais e de cosmovisões que indicam olhares mais respeitosos e sustentáveis para o meio ambiente e a natureza. Assim, são pontes fundamentais a serem incluídas na agenda de discussões e articulações sobre as mudanças climáticas.

Resultados

Em suas diversas formas e práticas, os objetivos do Programa Educacional foram atingidos em diferentes profundidades e abordagens em cada contexto. Isso demonstra o potencial do projeto na promoção do intercâmbio e da integração de artistas em diferentes territórios que, entretanto, apresentam pontos em comum na sua relação com as mudanças climáticas.

Na perspectiva de Nova Lima, o projeto deu ênfase à escola pública como espaço acolhedor de insti-

tuições e projetos artístico-pedagógicos, promovendo suas ações no território de forma descentralizada e em diálogo com as instituições. A escolha da escola do distrito de Honório Bicalho representa também a continuidade do Programa Educacional I na cidade, uma vez que a escola acolheu a outra etapa do projeto. Para o artista-educador, reconhecer e cruzar diferentes territórios e contextos escolares ofereceu a possibilidade de reinvenção da prática profissional. Esta edição do Programa Educacional também foi um processo de intenso aprendizado pelo contato com demais artistas, educadores(as) e pesquisadoras(as) vinculados(as) a essa etapa do projeto.

O cenário de enfrentamento às mudanças climáticas requer ações em diferentes áreas sociais, abrangendo aspectos econômicos, sociais, históricos, ambientais, políticos etc. Nesse sentido, a arte é potente ao permitir ressaltar a importância da cultura como patrimônio e motor de resistência às alterações climáticas. Como prática pedagógica, ela permite a subjetivação das realidades, a experiência da sensibilidade com o uso do corpo, da voz e da palavra, e o estímulo à imaginação e à criatividade. Como prática coletiva, produz outros modos de ser e de dispor os corpos nas escolas, promovendo formas e expressões como a roda, o grito, a dança e o desenho e destacando a oralidade como metodologia pedagógica.

A realidade das mudanças climáticas requer uma abordagem que ultrapasse o lugar do “tema” nas escolas, transformando-se em eixo transdisciplinar presente em todos os conteúdos, práticas pedagógicas e no cotidiano escolar. O Programa Educacional pode ser um veículo disparador de reflexões e discussões, conectando, através da arte, o cenário global das mudanças climáticas, os precedentes históricos e o território da comunidade de cada escola.

O Programa Educacional Raízes de Resiliência pode se firmar como uma raiz itinerante, que percorre diferentes territórios, traçando rotas por contextos escolares e promovendo diálogos sobre as mudanças climáticas. A arte, a partir de uma noção relacional, tem potência para se adaptar a diferentes territórios e públicos. Também é positivo manter uma rede com as escolas atendidas, inclusive conectando-as e promovendo ações de integração e compartilhamento.

É fundamental resistir à tentação de desenhar modelos ou formas prontas que possam ser replicadas em diferentes contextos, segundo a lógica da produção em massa e do engessamento das práticas pedagógicas. O Programa Educacional Raízes de Resiliência é uma experiência artística e pedagógica viva, que se desenvolve a partir de um grupo de artistas e seus territórios, representando também as subjetividades, memórias e os afetos dos(as) participantes. Assim, almeja-se que ele possa inspirar outros projetos educativos nesse sentido, mas, antes de qualquer pressuposto ou fórmula, que se abram para as realidades de cada comunidade e artista, ponto de partida para qualquer experiência transformadora.

Thiago SKP

Através do universo do hip-hop e da troca de ideias, Thiago SKP buscou abordar a temática das mudanças climáticas a partir de referências da literatura, música, poesia e outras formas artísticas de autoexpressão. Assim, ao iniciar crianças e adolescentes no contato teórico-prático com o universo da cultura hip-hop e os valores que o cercam, como respeito e integridade, o artista também realizou junto aos(as) jovens uma introdução ao tema das mudanças climáticas, com o intuito de gerar mais consciência sobre a urgência de ações orientadas

para a mitigação dos riscos advindos da crise climática – com especial atenção para o papel da cultura neste contexto. Nas oficinas que promoveu, Thiago SKP também apresentou a música “O clima tá tenso”, composta na primeira etapa do Programa Educacional, em 2022, por meio da qual propôs aos(as) jovens importantes reflexões sobre a crise climática e sobre o papel que a juventude desempenha no combate ao aquecimento global.

O artista executou um trabalho interativo com jovens ao levar poesias, textos, livros e músicas, por meio de uma metodologia que visa empoderar o discurso de jovens e abrir espaço para o diálogo e a reflexão sobre temas que permeiam o universo da juventude contemporânea. Assim, o intuito das atividades foi incentivar e estimular o consumo de conteúdos culturais em geral e levar informações para a sensibilização dos jovens acerca de temas relacionados à crise climática e a desastres ambientais que impactam seus territórios diretamente.

Em linhas gerais, os objetivos das oficinas foram:

- | Diminuir a distância entre jovens e a literatura por meio de uma abordagem horizontal entre arte-educador e educandos(as);
- | Promover a inserção literária através da cultura hip-hop, de poesias, improvisos, textos e do rap (iniciais de “ritmo e poesia” em inglês) e, assim, incentivar os jovens à autoexpressão, interpretação e reflexão;
- | Apresentar ferramentas de absorção de conteúdo e de transformação pessoal;
- | Através das informações levadas e da reflexão proposta, gerar consciência sobre o

momento em que vivemos em relação à crise climática para que isso se traduza em atitudes transformadoras no contexto de cada jovem;

- | Abordar o assunto de uma maneira dinâmica através da arte, propondo reflexões e possíveis soluções.

A aproximação com os(as) estudantes foi feita de forma descontraída, utilizando o rap e a poesia como forma de aproximação com o público jovem. Foram apresentados textos, frases, poesias e letras de rap para explicar o universo do movimento hip hop. Nessas atividades, vale ressaltar a importância de se trabalhar de forma horizontal com os jovens, a fim de promover sua inserção cultural por meio da arte.

Resultados

A experiência nesta etapa do Programa Educacional permitiu constatar que é fundamental atuar diretamente na capacitação de jovens, não somente em relação à sensibilização a respeito da importância da arte e da cultura como ferramentas de transformação da realidade, mas também em relação à promoção de valores centrais para seu desenvolvimento intelectual e pessoal. Dessa forma, para além de trabalhar as temáticas de cultura e clima, o Programa Educacional II também teve como resultado uma contribuição positiva para o desenvolvimento de jovens como cidadãos(as) conscientes e engajados(as) na construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

O desafio maior desta etapa do programa foi a realização de uma troca de conhecimentos e experiências entre os(as) arte-educadores(as) de forma íntegra e horizontal, tanto em relação ao conteúdo a ser

trabalhado, quanto às metodologias e ferramentas adequadas à execução das ações. Esse objetivo foi alcançado em todas as cidades pelas quais a equipe passou por meio da cooperação entre todos artistas e organizações envolvidos no projeto.

É importante chamar atenção para o desafio de estimular o interesse por meio da arte-educação, não só de estudantes, mas também de coordenadores(as), professores(as) e demais profissionais presentes no ambiente escolar. Para isso, o grupo trabalhou de forma a comunicar a essência do objetivo do projeto – a sensibilização para temáticas ambientais e climáticas por meio da arte – junto a esses(as) profissionais, em prol da promoção de ferramentas diversas e potentes de arte-educação.

Resultados do Programa Educacional II: avaliação do público-alvo

Para avaliação do impacto das atividades realizadas no escopo do Programa Educacional II, foi conduzida uma pesquisa junto a alguns(mas) participantes das atividades, de acordo com sua faixa etária e escolaridade. Alunos(as) cursando a partir do 7º ano do Ensino Fundamental responderam a dois questionários, aplicados prévia e posteriormente a cada atividade, o que significa que jovens entre 12 e 18 anos foram o público principal da pesquisa. Embora norteadas pelas mesmas dimensões, as questões dos questionários aplicados a estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio diferem entre si.

O primeiro questionário, aplicado antes do início de cada oficina, tinha como objetivo avaliar a sensibilização do público-alvo quanto ao tema das oficinas, seu conhecimento prévio sobre mudanças climáticas, sua noção a respeito da arte como forma de tra-

tar de questões climáticas e sua percepção sobre a urgência do tema. O segundo questionário, por sua vez, aplicado após a realização das atividades, tinha como objetivo avaliar a percepção de aprendizado dos(as) participantes, levar os(as) jovens a apontarem, com suas próprias palavras, consequências das mudanças climáticas – a fim de acessar seu conhecimento sobre o assunto – e reavaliar a noção sobre o papel da arte como forma de tratar das mudanças climáticas e a percepção sobre a urgência do tema.

As perguntas incluídas em cada questionário foram inspiradas em pesquisa do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia (INCT-CPCT) com o tema “O que os jovens brasileiros pensam da ciência e da tecnologia?”².

Sensibilização sobre mudanças climáticas e percepção sobre mudanças climáticas

De forma geral, as respostas dos estudantes do ensino fundamental foram positivas em relação à sensibilização sobre o assunto das mudanças climáticas, uma vez que a maioria afirmou já ter ouvido falar sobre o tema. Além disso, antes da realização das oficinas, a maioria dos(as) alunos(as) avaliou que essa temática é importante (38,10%) ou muito importante (53,88%). Após a realização das atividades, quando perguntados(as), os(as) estudantes responderam de forma ainda mais positiva: a grande maioria afirmou que é importante (20,47%) ou muito importante (70,60%) falarmos sobre mudanças climáticas.

² Disponível em: https://www.inct-cpct.ufpa.br/wp-content/uploads/2021/02/LIVRO_final_web_2pag.pdf

Você já ouviu falar alguma vez em MUDANÇAS CLIMÁTICAS? (Ensino Fundamental – Questionário prévio)

44,36%	30,83%	10,78%	8,02%	6,02%
Já ouvi falar, certeza	Acho que sim	Não tenho certeza	Acho que não	Nunca

Para você, esse assunto é pouco importante ou muito importante? (Ensino Fundamental – Questionário prévio)

53,88%	38,10%	8,02%
Muito importante	Mais ou menos importante	Só um pouco

Você acha que é importante a gente falar sobre esse assunto? (Ensino Fundamental – Questionário posterior)

70,60%	20,47%	8,02%
Acho que é muito importante	Acho que é mais ou menos importante	Acho que é só um pouco importante

Para alunos(as) do ensino médio, as respostas quanto à sensibilização sobre o assunto das mudanças climáticas também foram positivas, uma vez que a maioria afirmou já ter ouvido falar sobre o tema. Além disso, antes da realização das oficinas, a maioria dessas pessoas avaliou que o tema é importante (25%) ou muito importante (67,31%).

Após a realização das atividades, quando perguntados(as), os(as) alunos(as) responderam de forma ainda mais contundente: para mais de 90% deles(as), as mudanças climáticas podem prejudicar as futuras gerações. Além disso, quase 80% dessas pesso-

as concordaram que as mudanças climáticas estão prejudicando a qualidade de vida no Brasil, enquanto outra parcela importante – 78,8% – concorda com a afirmação de que as mudanças climáticas podem prejudicar a eles(as) mesmos(as) e às suas famílias.

Outro ponto importante avaliado junto aos(as) alunos(as) de ensino médio foi a crença nas mudanças climáticas: no questionário aplicado posteriormente às atividades, a quase totalidade dos(as) estudantes (98,84%) declarou acreditar que as mudanças climáticas são reais – apenas uma pessoa afirmou não acreditar na existência das mudanças climáticas.

Você já ouviu falar em mudanças climáticas? (Ensino Médio – Questionário prévio)



Para você, esse assunto é pouco importante ou muito importante? (Ensino Médio – Questionário prévio)



“As mudanças climáticas podem prejudicar as futuras gerações” – Nível de concordância (Ensino Médio – Questionário posterior)



“As mudanças climáticas estão prejudicando a qualidade de vida no Brasil” – Nível de concordância (Ensino Médio – Questionário posterior)



“As mudanças climáticas podem prejudicar a mim e à minha família” – Nível de concordância (Ensino Médio – Questionário posterior)



Recentemente, tem se falado muito sobre mudanças climáticas e sobre o aumento da temperatura média mundial. Você acha que as mudanças climáticas estão acontecendo? (Ensino Médio – Questionário posterior)

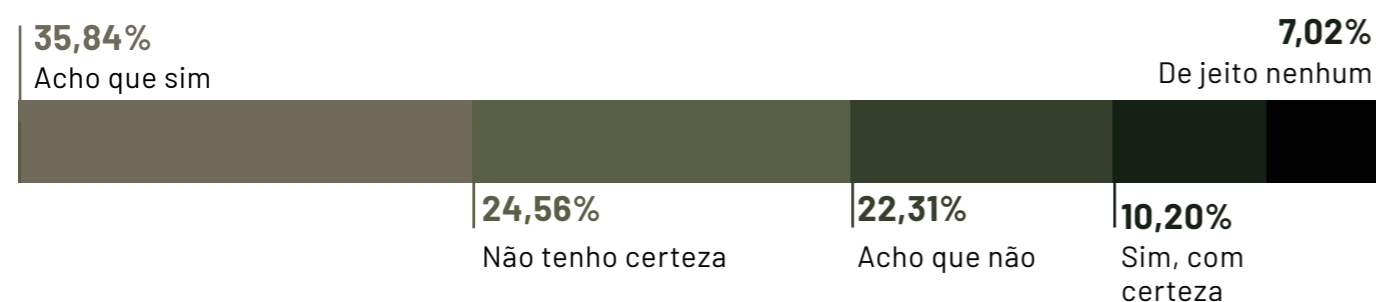


Arte como instrumento para lutar contra as mudanças climáticas

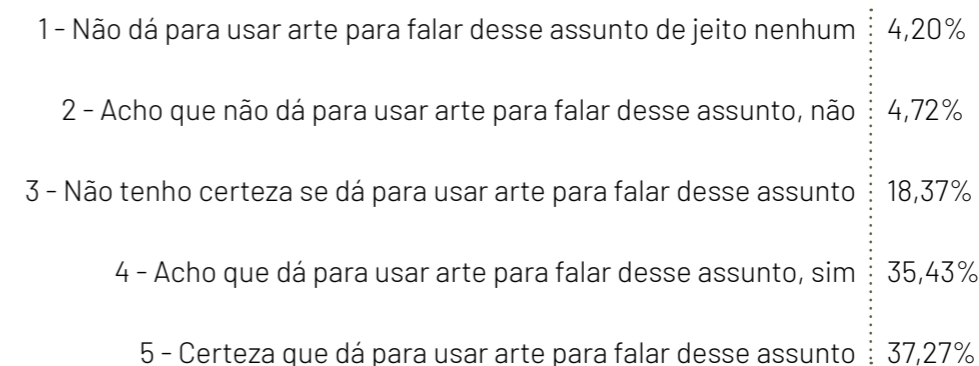
Em relação a este ponto, antes da realização das atividades, os(as) estudantes do ensino fundamental fizeram avaliações diversas: 29,33%, avaliaram que a arte não poderia ser usada para ajudar a lutar contra as mudanças climáticas; 24,56% não tinham certeza sobre esse assunto; e 46,12% avaliaram que a arte pode, sim, ser usada para ajudar a lutar contra as mudanças climáticas.

Houve uma mudança interessante de percepção dessa faixa etária após a realização das atividades de arte-educação: no questionário posterior, apenas 8,92% avaliaram que a arte não poderia ser usada para falar sobre mudanças climáticas, enquanto 18,37% declararam não ter certeza disso. Para a maioria dos alunos, no entanto, houve uma mudança de opinião positiva: no total, 72,7% concordaram, com maior ou menor certeza, que dá para usar arte para falar sobre mudanças climáticas.

Você acha que a ARTE pode ser usada para ajudar a lutar contra as mudanças climáticas? (Ensino Fundamental – Questionário prévio)



E se a gente te disser que dá pra usar arte para falar sobre mudanças climáticas, você concorda? (Ensino Fundamental – Questionário posterior)

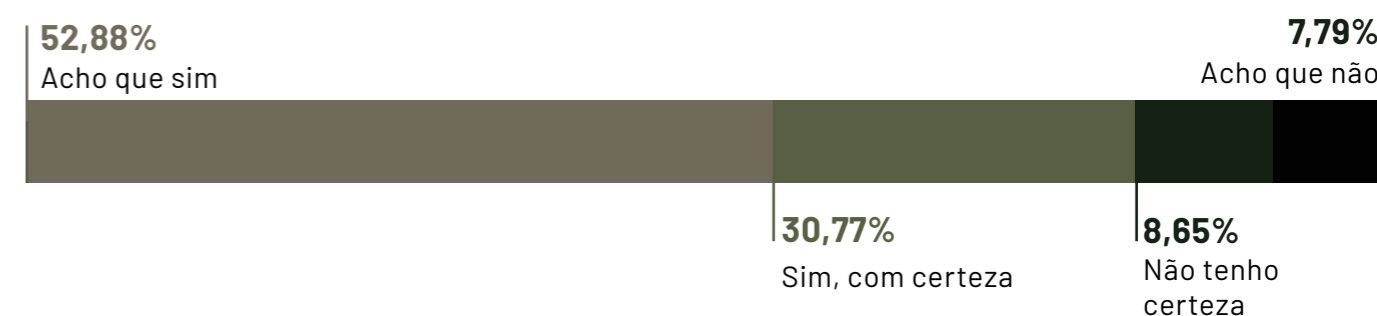


Já para estudantes de ensino médio, antes da realização das atividades, as respostas em relação ao uso da arte enquanto ferramenta para debater mudanças climáticas foram positivas: para 83,65% dos(as) alunos(as), a arte poderia ser usada para falar sobre as mudanças climáticas. Desse grupo, apenas 7,69% não achavam que a arte poderia ser usada para falar sobre as mudanças climáticas, enquanto 8,65% não tinham certeza de seu posicionamento quanto a esse tópico.

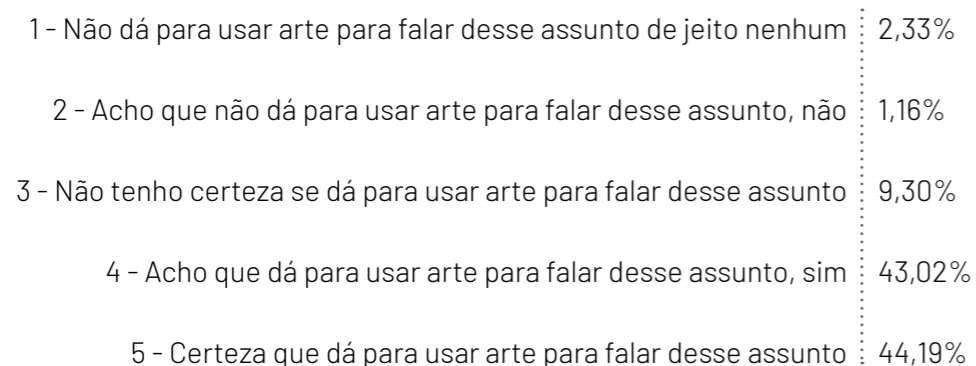
tiveram alterações pequenas: para 87,21% dos(as) alunos(as), seria possível usar a arte para falar sobre mudanças climáticas, enquanto 9,3% desse grupo não sabiam se seria possível usar a arte para falar sobre mudanças climáticas. Apenas 3,49% das pessoas afirmaram não achar ou não ter certeza de que é possível usar arte para falar sobre as mudanças climáticas. Nota-se assim que, apesar de reduzido, houve um impacto positivo sobre a percepção de estudantes do ensino médio quanto à possibilidade de a arte ser utilizada como instrumento de sensibilização sobre as mudanças climáticas.

Após a realização das atividades, as respostas

Você acredita que a arte pode ser usada para falar sobre as mudanças climáticas? (Ensino Médio – Questionário prévio)



Se dissermos que dá para usar arte para falar sobre mudanças climáticas, você concorda? (Ensino Médio – Questionário posterior)



Grau de conhecimento prévio sobre o assunto e percepção de aprendizado

Em relação a este ponto, antes da realização das atividades, os(as) estudantes selecionaram uma série de tópicos relacionados às mudanças climáticas. No questionário, foi ofertada uma lista de fatores, dentre os quais havia opções incorretas. Essa estratégia ajuda a filtrar o hábito de marcar todas as opções disponíveis, indicando quando

o(a) aluno(a) de fato compreende se determinado fator está ou não relacionado às mudanças climáticas.

A partir de uma análise que desabona a seleção das opções incorretas, foi calculado um índice de conhecimento prévio a respeito das mudanças climáticas. Neste quesito, os(as) alunos(as) do Ensino Fundamental tiveram um baixo desempenho, conforme se observa a seguir.

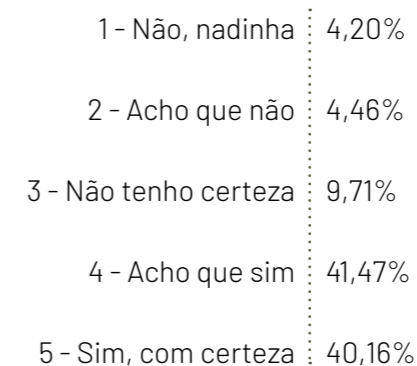
Conhecimento sobre mudanças climáticas (Ensino Fundamental – Questionário prévio)

Variável	Valor Mínimo	Média	Mediana	Valor Máximo	Desvio Padrão
Conhecimento	-0,40	0,00	-0,08	1,00	0,37

No entanto, após a realização das atividades de formação e sensibilização, esses(as) alunos(as) avaliaram de forma muito positiva seu aprendizado:

81,63% afirmaram, com algum grau de convicção, ter aprendido sobre mudanças climáticas nas oficinas.

Você acha que aprendeu um pouco sobre mudanças climáticas hoje? (Ensino Fundamental – Questionário posterior)



Após a realização das oficinas, os(as) estudantes foram convidados(as) a expressar seu aprendizado, indicando fatores relacionados às mudanças climáticas. A nuvem de palavras abaixo ilustra os termos usados com maior frequência:



Quanto ao conhecimento prévio a respeito das mudanças climáticas, os(as) alunos(as) do ensino médio responderam a duas questões. Por isso, foram gerados dois índices de conhecimento. De forma semelhante ao que ocorreu com estudantes do Ensino Fundamental, jovens do Ensino Médio

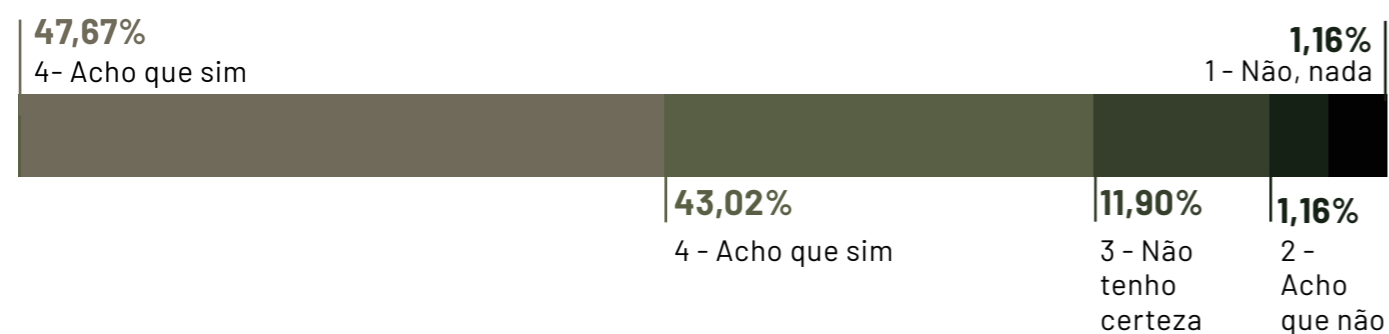
tiveram um baixo desempenho nessas questões. Em ambos os casos, o principal fator de confusão foi associar o buraco na camada de ozônio às mudanças climáticas, o que não corresponde às evidências científicas disponíveis.

Conhecimento sobre mudanças climáticas (Ensino Médio – Questionário prévio)

Variável	Valor Mínimo	Média	Mediana	Valor Máximo	Desvio Padrão
Conhecimento 1	-0,47	-0,00	-0,10	0,78	0,35
Conhecimento 2	-0,50	-0,00	-0,20	0,80	0,43

Todavia, depois da realização das atividades, esses(as) jovens avaliaram de forma muito positiva seu aprendizado: 90,69% afirmaram ter aprendido sobre mudanças climáticas nas oficinas, 6,98% não souberam responder, e apenas 2,32% afirmaram não ter aprendido sobre mudanças climáticas durante as atividades.

Você acha que aprendeu sobre mudanças climáticas hoje? (Ensino Médio – Questionário posterior)



Depois da realização das oficinas, esses(as) estudantes também indicaram fatores relacionados às mudanças climáticas. Os termos mais recorrentemente utilizados estão expressos na nuvem de palavras a seguir:



Considerações finais

Nesta segunda fase, o Programa Educacional Raízes de Resiliência teve como objetivo principal o desenvolvimento de atividades artístico-educacionais em cooperação com artistas e organizações parceiros.

O Programa Educacional II contou com atividades que auxiliaram na sensibilização de jovens quanto à importância do patrimônio cultural em um contexto de crise climática e na formação desse público a respeito do tema e de suas interações com a arte e a cultura. Nesse sentido, os artistas e as organizações culturais participantes dessa etapa buscaram priorizar a inclusão de práticas locais que envolvem o patrimônio tangível e intangível nas atividades desenvolvidas, além

de projetos artísticos que promovem a reflexão sobre a situação climática/cultural da região.

Levando em consideração as particularidades dos territórios e o alcance de cada metodologia empregada, a interseção entre patrimônio/cultura e meio ambiente foi o ponto central do projeto. Para isso, as organizações e os artistas trabalharam conjuntamente, de forma cooperativa, a fim de replicar e adaptar as metodologias desenvolvidas durante a primeira fase do projeto, em 2022, mas também a fim de criar novas metodologias conjuntas e voltadas para as particularidades de cada novo território visitado.

O quadro abaixo resume as metas e os objetivos alcançados nessa fase do projeto:

META

Troca de conhecimentos e metodologias

OBJETIVO ALCANÇADO

Os artistas e as organizações atuaram de forma conjunta em todas as oficinas realizadas, desde o planejamento até a execução, o que proporcionou importantes trocas ao longo do projeto

Aplicação das pesquisas de avaliação

Foram aplicados questionários de avaliação antes e depois das atividades

Trabalhar em 4 cidades

No total, os artistas e organizações desenvolveram oficinas em 4 cidades: Belo Horizonte, Brumadinho, Itabira e Nova Lima

Cada cidade deveria receber ao menos um artista/ organização

Belo Horizonte recebeu 2 oficinas, com arte-educadores de 2 projetos

Brumadinho recebeu 3 oficinas, com arte-educadores de 2 projetos, além dos anfitriões - o distrito de Marinhos também recebeu uma roda de conversa

Cada artista/organização deveria desenvolver atividades em pelo menos uma cidade que não a sua

com todos os artistas e educadores do programa
Itabira recebeu 10 oficinas, com arte-educadores de 2 projetos, além do anfitrião

Nova Lima recebeu 10 oficinas, com todos os arte-educadores parceiros e o anfitrião

Membros da Banda São Sebastião ofereceram oficinas em Nova Lima e Brumadinho

Membros da Casa Quilombê ofereceram oficinas em Belo Horizonte, Brumadinho, Itabira e Nova Lima

Lucas Fabrício fez oficinas em Belo Horizonte, Itabira, Brumadinho e Nova Lima

Thiago SKP fez oficinas em Brumadinho, Itabira e Nova Lima

Promover atividades em, no mínimo, 8 escolas

As atividades foram desenvolvidas em 10 escolas, um terreiro de candomblé e na sede da Casa Quilombê, na Comunidade Quilombola de Marinhos

Atingir 800 alunos no total

No total, cerca de 1300 pessoas participaram das atividades

2.5. Guia prático de metodologias de arte-educação para abordar a crise climática

A fim de multiplicar os resultados dos Programas Educacionais e consolidar as metodologias de arte-educação criadas e aplicadas pelas organizações culturais e artistas parceiros, a People's Palace Projects desenvolveu o Guia prático de metodologias de arte-educação para abordar a crise climática. Assim, será possível que educadores, professores, artistas e demais pessoas interessadas se inspirem nas metodologias desenvolvidas no escopo do Programa Educacional e trabalhem as temáticas cultura-clima-patrimônio em diversos ambientes de aprendizagem.

O objetivo geral do guia é estender o impacto das atividades realizadas originalmente no Quadrilátero Aquífero-Ferrífero mineiro para outras localidades, estimulando a criação de novas redes para ampliar o engajamento e a mobilização de jovens e reforçar o papel que o patrimônio cultural tangível e intangível desempenha na construção de resiliência a catástrofes ambientais e eventos climáticos extremos.

Assim, por meio da ampliação do alcance de suas metodologias, o Programa Educacional permanece vivo, fomentando a replicação, adaptação e ampliação das atividades de base artística empregadas nas duas etapas do projeto. As metodologias presentes neste guia podem ser adaptadas para os mais diversos contextos, a fim de expandir as possibilidades de engajamento de crianças e jovens nos debates sobre a interconexão entre patrimônio cultural e mudanças climáticas no Brasil.



Para acessar o guia, clique aqui

<https://peoplespalaceprojects.org.uk/wp-content/uploads/2023/11/toolkit-raizes-de-resiliencia.pdf>

2.6. Série de Webinars "Cultura, Clima, Ação!"

Chuvas intensas já são parte da realidade do Quadrilátero Aquífero-Ferrífero. A previsão de maior intensidade e frequência destes eventos devido às mudanças climáticas, somada ao relevo da região e ao tipo de ocupação existente, amplia a vulnerabilidade das populações locais e seus patrimônios a deslizamentos, enchentes e mesmo a novos desastres relacionados à mineração.

Diante deste cenário, é urgente fortalecer a capacidade de adaptação e resposta da sociedade e das comunidades locais às ameaças; fortalecer, portanto, sua resiliência. Mas qual o papel da cultura e dos patrimônios culturais materiais e imateriais nestes processos? Para aprofundar a discussão sobre essa questão, a PPP organizou e promoveu o ciclo de seminários "Cultura, Clima, Ação!", que abordou a relação entre patrimônio cultural e quatro eixos temáticos: i) mudanças climáticas; ii) perspectivas artísticas sobre a mineração e as mudanças climáticas; iii) políticas públicas; e iv) resiliência comunitária.

Realizados de forma remota em abril de 2022, os encontros foram uma oportunidade de conectar pesquisadores brasileiros e estrangeiros, representantes de organizações da sociedade civil, artistas e ativistas socioambientais em uma experiência que nos convida a indagar o papel da arte e da cultura na luta contra as mudanças climáticas e na construção de resiliência em comunidades afetadas pela mineração. No total, mais de mil pessoas assistiram ao ciclo de seminários.

Ao lado, detalham-se os eixos temáticos de cada encontro:

MUDANÇAS CLIMÁTICAS EM AÇÃO: COMO PROTEGER O PATRIMÔNIO CULTURAL

Palestrante: Shirley Krenak (Instituto Shirley Krenak - MG, Brasil)

Mediação: Jurema Machado e Leandro Valiati

Gravação disponível [neste link](#)

ARTIVISMO: O ARTISTA E OS DESASTRES

Palestrantes: Júlia Pontes (artista visual, Brasil) e Thiago SKP (rapper, Brasil)

Mediação: Paul Heritage

Gravação disponível [neste link](#)

OLHE PARA CIMA: POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O CLIMA E O PATRIMÔNIO CULTURAL

Palestrantes: Leonardo Castriota (UFMG, Brasil), Luana Campos (Conselho Internacional de Monumentos e Sítio - ICOMOS, Brasil) e Rowan Jackson (Universidade de Edimburgo, Reino Unido)

Mediação: Jurema Machado

Gravação disponível [neste link](#)

CAMINHOS PARA A RESILIÊNCIA: COMO COMUNIDADES CONSTROEM O FUTURO

Palestrantes: Ferdinand Saumarez (Factum Foundation, Espanha), Kate Crowley (Universidade de Edimburgo, Reino Unido) e Poran Potiguara (Águas Potiguara, Brasil)

Mediação: Leandro Valiati

Gravação disponível [neste link](#)

2.7. Série de Webinars “Raízes de Resiliência: o papel do patrimônio cultural no enfrentamento à crise climática e desastres ambientais”

Quais são os impactos causados por eventos climáticos extremos na cultura? E qual é a resposta do setor cultural aos riscos que as mudanças climáticas representam para os patrimônios culturais?

Guiada por questionamentos como este, a PPP organizou e promoveu o ciclo de seminários “Raízes de Resiliência: o papel do patrimônio cultural no enfrentamento à crise climática e a desastres ambientais”. O objetivo desta série de encontros virtuais foi o compartilhamento de metodologias de trabalho e pesquisas acadêmicas voltadas à investigação do impacto das mudanças climáticas sobre o patrimônio cultural no Brasil e no mundo.

O ciclo de seminários teve como objetivo promover ambientes de trocas e debates sobre patrimônio cultural, mudanças climáticas e resiliência comunitária. A iniciativa aproximou acadêmicos com experiências diversas tanto em relação às temáticas de pesquisa, quanto aos territórios nos quais desenvolveram suas metodologias de trabalho. Seu principal resultado foi a consolidação de um espaço para debater as relações entre patrimônio cultural e emergência climática a partir de diferentes perspectivas. No total, esse ciclo de seminários teve mais de 500 espectadores.

ENCONTRO 1: MUDANÇAS CLIMÁTICAS E PATRIMÔNIO CULTURAL A PARTIR DE UMA APRENDIZAGEM INTEGRADA E COLABORATIVA

Palestrante: YoungHwa Cha (Universidade de Edimburgo, Reino Unido)

Transmitido em 02 de maio de 2023, gravação disponível [neste link](#)

Apresentação da metodologia CRITICAL – Ferramentas de Risco e Impacto do Patrimônio Cultural para Aprendizagem Integrada e Colaborativa (do original em inglês: Cultural Heritage Risk and Impact Tools for Integrated and Collaborative Learning), que explorou os impactos de desastres e mudanças climáticas em patrimônios culturais na Indonésia, África do Sul e Sri Lanka. Ao focar no patrimônio como um componente essencial de significado e capacidades dentro de um determinado grupo, a pesquisa buscou entender como impactos externos, como as mudanças climáticas, apresentarão desafios e oportunidades para os patrimônios

ENCONTRO 2: COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMINHOS PARA O ENFRENTAMENTO DA CRISE CLIMÁTICA

Palestrantes: Alan Forrest (Centre for Middle Eastern Plants) e Julian Jansen (Centre for Middle Eastern Plants)

Transmitido em 09 de maio de 2023, gravação disponível [neste link](#)

Em 2017, foi criado o Soqotra Heritage Project, com o objetivo de promover pesquisa, treinamento e consultoria sobre o planejamento de gestão e uso sustentável do patrimônio cultural em Socotra (Iêmen). As pesquisas apresentadas neste seminário abordam a gestão sustentável de recursos e a incorporação de componentes relativos ao patrimônio local em sistemas de gestão de áreas protegidas, com foco central no envolvimento da comunidade de Socotra na gestão e catalogação dos conhecimentos locais. A pesquisa também investiga o papel das comunidades insulares e costeiras na transmissão e desenvolvimento de suas tradições culturais, ideologias e tecnologias. Para isso, uma das principais questões de pesquisa que guia o projeto é: as mudanças climáticas estão tendo um efeito tangível na preservação dos patrimônios locais das comunidades tradicionais de Socotra?

ENCONTRO 3: MENSURANDO A VULNERABILIDADE CLIMÁTICA DE PATRIMÔNIOS CULTURAIS

Palestrantes: William Megarry (ICOMOS, Irlanda) e Luana Campos (ICOMOS, Brasil)

Transmitido em 16 de maio de 2023, gravação disponível [neste link](#)

Em sua apresentação, William Megarry introduziu o projeto “Avaliação de riscos de mudanças climáticas baseada em valores: índice de vulnerabilidade climática do patrimônio cultural na África”, que oferece treinamento em avaliação de vulnerabilidade usando o Índice de Vulnerabilidade Climática (IVC) para profissionais de países africanos de baixa e média renda. O projeto investiga como os profissionais da área de patrimônio e gestores de áreas de preservação podem responder à ameaça das mudanças climáticas com uma abordagem científica.

Na apresentação de Luana Campos, a pesquisadora propôs uma análise crítica sobre os marcos e políticas públicas – ou sua ausência – para o enfrentamento das mudanças climáticas, principalmente em relação ao patrimônio cultural no Brasil. Questões pertinentes foram levantadas: O que devemos preservar? Como devemos preservar? Quando devemos iniciar as ações de preservação? Preservação, mitigação, adaptação ou resiliência? Quais são as prioridades? A apresentação chamou atenção para a necessidade de empregar esforços para identificar o que de fato é prioritário nesta agenda, a fim de entender, identificar e, por fim, mensurar a vulnerabilidade dos patrimônios culturais locais

ENCONTRO 4: MAPEAMENTO DE RISCOS CLIMÁTICOS AOS PATRIMÔNIOS CULTURAIS

Palestrantes: Ashraf Osman (Universidade de Durham, Inglaterra), Mariana Machini (FGV, Brasil) e Natália Lutti (FGV, Brasil)

Transmitido em 23 de maio de 2023, gravação disponível [neste link](#)

Em sua apresentação, Ashraf Osman abordou a metodologia do projeto CRAFT – Desenvolvendo uma Nova Estrutura de Avaliação de Riscos de Mudanças Climáticas para o Patrimônio Cultural na Turquia (do original em inglês Developing a Novel Climate Change Risk Assessment Framework for Cultural Heritage in Turkey), que envolve o mapeamento da suscetibilidade do patrimônio cultural aos danos causados pelas mudanças climáticas, com foco nos

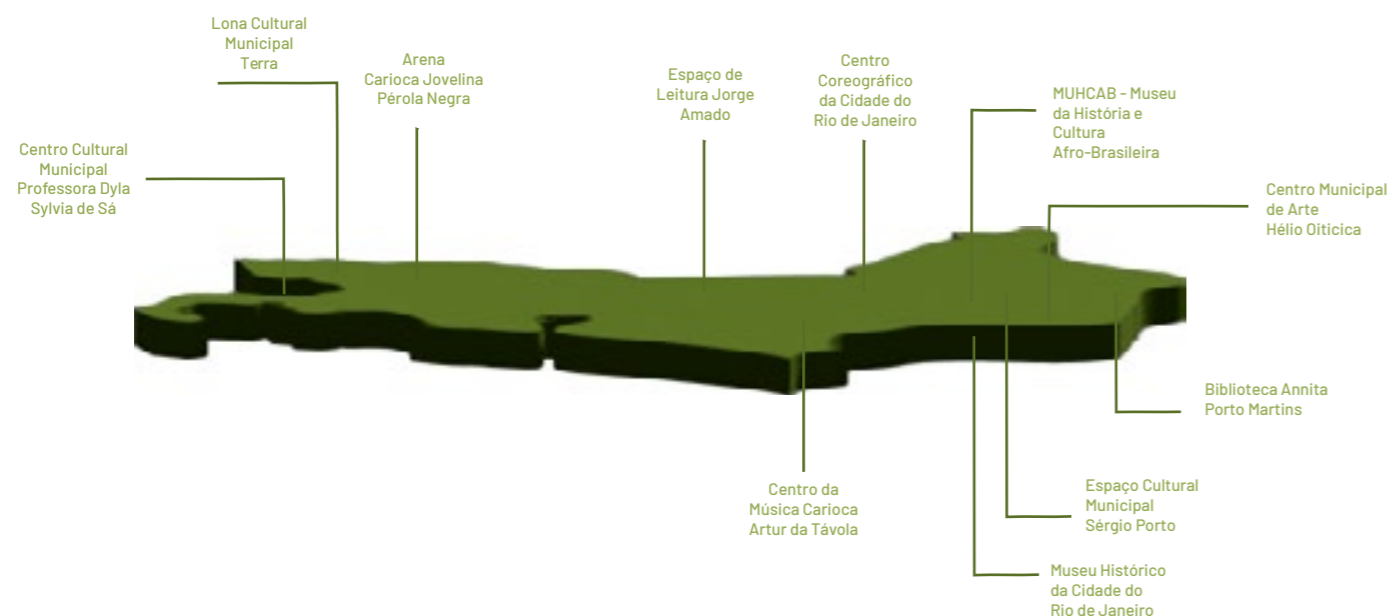
riscos de inundações e deslizamentos de terra em sítios patrimoniais em Istambul.

Já as pesquisadoras da FGV, Mariana Machini e Natália Lutti, apresentaram a metodologia do projeto Rio Doce, que busca atribuir valores a indicadores socioculturais relativos aos danos causados pelo rompimento da barragem de Fundão, em Minas Gerais, mensurando os impactos deste acontecimento para 45 comunidades da região. Em sua apresentação, as pesquisadoras falaram sobre a abordagem empregada junto às comunidades indígenas Tupiniquim e Guarani, diretamente afetadas pelo desastre, descrevendo o método de valoração não monetária dos impactos socioculturais do desastre e explorando o eixo temático do projeto, com a apresentação dos principais resultados alcançados pela pesquisa.



2.8. Gestores Culturais pelo Clima

O programa Gestores Culturais pelo Clima foi uma parceria entre a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro e a PPP e teve como objetivo promover o desenvolvimento de ações para inserir a cultura como promotora da educação climática e ambiental. Por meio de um laboratório de ideias, 20 gestores de equipamentos culturais municipais participaram, em julho de 2022, de uma imersão liderada pela People's Palace Projects. Na ocasião, desenvolveram-se ações que conectam meio ambiente, clima e cultura, buscando promover ações diretamente ligadas ao espaço e ao território nos quais os equipamentos culturais funcionam.



As metodologias desenvolvidas por cada equipamento cultural tiveram como objetivo principal a reprodução de estratégias de sensibilização das comunidades nas quais os equipamentos estão inseridos, levando em conta a realidade de cada território e as demandas específicas de cada local. Esta iniciativa tem grande potencial de replicação em equipamentos culturais do Brasil inteiro, tanto pela sua relevância quanto pelo caráter inovador das metodologias desenvolvidas por cada ação. Contação de histórias, oficinas de graffiti, workshops de arte com materiais reciclados, oficinas de plantio, música e dança foram algumas das ferramentas utilizadas para o envolvimento do público na questão ambiental e climática.

As iniciativas desenvolvidas pelo projeto Gestores Culturais pelo Clima abrem espaço para que a cultura atue na linha de frente na educação climática, levando às comunidades a discussão ambiental de forma a engajar os territórios na luta pela preservação do nosso futuro. O envolvimento comunitário é um dos principais legados do projeto e indica a direção que ações de educação climática devem tomar para garantir o protagonismo dos territórios na luta pela justiça climática.

Durante o mês de setembro de 2022, os gestores culturais implementaram as ações nos 10 equipamentos culturais contemplados pelo projeto. Para saber mais sobre cada iniciativa, [acesse aqui o material do projeto.](#)

Impacto do projeto: avaliação dos gestores culturais

Para mensurar o impacto do projeto Gestores Culturais pelo Clima sobre os gestores participan-

tes e seus equipamentos culturais, bem como sobre as comunidades que frequentam estes espaços, aplicamos um questionário de avaliação do projeto após sua finalização.

Em relação ao impacto da ação desenvolvida por cada equipamento nas respectivas comunidades, as respostas foram, em geral, positivas, pois:

68,75% consideram que a ação teve **muito impacto**;

25% consideram que a ação teve **impacto considerável**;

6,25% consideram que a ação teve **impacto razoável**.

Em relação à aplicação de conceitos como mudanças climáticas, meio ambiente e arte nas ações desenvolvidas nos equipamentos culturais, a avaliação apresentou resultados positivos:

65,20% consideram que a ação conseguiu abordar muito bem os temas de mudanças climáticas, meio ambiente e arte;

37,5% consideram que a ação conseguiu abordar bem os temas de mudanças climáticas, meio ambiente e arte.

Em relação ao impacto da ação sobre a percepção dos gestores acerca dos temas de mudanças climáticas e meio ambiente, as respostas variaram:

56,25% afirmam que continuaram tão preocupados(as) quanto eram antes da ação;

37,5% afirmam que eram pouco preocupados(as), mas após a ação ficaram bem mais preocupados(as);

6,25% afirmam que antes da ação não eram muito preocupados(as), mas ficaram um pouco preocupados(as).

Com base nos dados coletados nesta pesquisa, pode-se afirmar que as ações implementadas no âmbito do projeto tiveram grande relevância para os equipamentos e para as comunidades do seu entorno. O principal ponto de atenção é a capacidade de replicação dos conceitos trabalhados durante a imersão: os temas mudanças climáticas e meio ambiente ainda não parecem ter sido dominados completamente pelos gestores, apesar de conseguirem trabalhar estas temáticas ao longo das ações de forma satisfatória. Chama-se atenção para a expectativa de continuidade das ações implementadas no futuro, o que indica a devida apropriação das metodologias trabalhadas pelos gestores culturais nestas ações e permite a sua replicabilidade em outras oportunidades.

Depoimentos dos gestores

Para mim, a ação teve uma grande mobilização e muita participação de crianças, mas não atingiu, obviamente, todos os moradores da região. Mas acredito que as atitudes são assim, passos curtos, pouco a pouco, até atendermos o todo, um coletivo cada vez maior. É isso.

A ação teve o impacto de aproximar a população em reinserção social dos arredores do Centro, a se sentirem pertencentes ao espaço. E também conseguimos despertar o interesse deles na alimentação e no meio ambiente.

Estamos planejando ações futuras como separação de resíduos. A comunidade do entorno já está solicitando utilizar o equipamento para ações de prevenção.

O equipamento está sempre em diálogo com a comunidade, e a ação veio para iniciar projetos a serem desenvolvidos como ações de educação ambiental entre os moradores locais. O projeto foi muito bem recebido pelos moradores da Comunidade Nova Maré.

Conscientização não só dos funcionários como da comunidade. O carinho pelo espaço aumentou ainda mais, o cuidado e a certeza que temos que fazer muito mais e mobilizar a todos na salvação do planeta, da nossa casa exterior.

2.9. AMA Rio

Inspirado no Programa Jovens Embaixadores, o AMA Rio foi uma realização da Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, liderada pela People's Palace Projects do Brasil. Com o objetivo de replicar as metodologias do Programa Jovens Embaixadores, e a fim de capacitar jovens para se tornarem lideranças climáticas em seus territórios, o programa ofereceu palestras e oficinas para 350 jovens cariocas residentes nos bairros de Grande Madureira, Guadalupe, Realengo, Gamboa, Gávea, Ilha do Governador e Humaitá.

A ideia do projeto foi promover a troca de vivências e experiências entre gerações, agentes transformadores e campos de saberes: jovens, artistas, pesquisadores e educadores ambientais. Ao fim do projeto, os jovens inauguraram uma intervenção física, desenvolvida por eles em um processo liderado por artistas cariocas no entorno de cada um dos 7 territórios do Rio, unindo arte, cultura, meio ambiente, sustentabilidade e cidade.

Os 350 jovens selecionados participaram de um percurso formativo entre janeiro e fevereiro de 2023 sobre arte, cultura e clima. O programa ofereceu oficinas, palestras, atividades em grupo e imersões para trazer esses jovens para o debate sobre cultura e meio ambiente, dentro do contexto de cada território carioca – com sua diversidade cultural e riqueza de saberes.

Durante o laboratório criativo, os jovens desenvolveram, em conjunto com renomados artistas cariocas, uma intervenção artística no equipamento cultural ou no seu entorno imediato. Este foi um trabalho de ativismo climático e arte comunitária, assinado pelos jovens, que deixou um legado artístico para os 7 territó-

Espaço Cultural Sérgio Porto
Humaitá,

Museu Histórico da Cidade
Gávea,

Biblioteca Euclides Da Cunha
Ilha do Governador,

Lona Cultural Terra
Guadalupe,

MUHCAB
Gamboa,

Lona Cultural Gilberto Gil
Realengo e

Arena Carioca Fernando Torres
Madureira.

rios participantes do programa.

Os seguintes espaços culturais receberam o projeto: Espaço Cultural Sérgio Porto (Humaitá), Museu Histórico da Cidade (Gávea), Biblioteca Euclides Da Cunha (Ilha do Governador), Lona Cultural Terra (Guadalupe), MUHCAB (Gamboa), Lona Cultural Gilberto Gil (Realengo) e Arena Carioca Fernando Torres (Madureira).

Metodologia de trabalho

A carga horária total da formação (96 horas) foi distribuída em encontros semanais, imersões e trabalhos autônomos, desenvolvidos de forma coletiva ou individual. Todo o processo foi construído de maneira colaborativa e co criada tanto entre os(as) próprios(as) membros(as) da equipe do projeto, quanto entre a equipe do projeto e os jovens participantes.

O incremento da autonomia e o reforço da capacidade de agência individual dos participantes foi, para além dos objetivos deste programa, um princípio básico que orientou o método de trabalho. O projeto integrou experiências anteriores da PPP em processos metodológicos consistentes, dedicados a lidar com grupos em situação de vulnerabilidade social, com o principal objetivo de lhes facilitar o desenvolvimento do protagonismo em seus territórios.

A fase prática do projeto, que abrange o percurso formativo em si, foi composta pela abordagem holística de algumas temáticas-chave, como: histórias, memórias do território e patrimônios culturais; educação ambiental e sustentabilidade; e práticas artísticas.

Os jovens iniciaram em janeiro de 2023 a jornada que contou com encontros semanais de práticas

artísticas e formação em conteúdos relacionados à arte, à cultura, ao território, à natureza e ao clima, liderada pelos monitores do projeto. Buscou-se, ao longo do programa, discutir a possibilidade de uma cultura regenerativa e de caminhos para que o fazer artístico possa contribuir para transformações ambientais e sociais, no âmbito da informação, sensibilização e incentivos para novas práticas em suas vidas e nos seus territórios.

Iniciamos o percurso teórico com um conteúdo sobre território e territorialidade, provocando o senso de pertencimento dos jovens ao equipamento cultural e seu entorno. Na segunda etapa, começamos a tecer conexões entre o território, a arte e o meio ambiente. Em um terceiro momento, os jovens desenvolveram uma intervenção artístico-ambiental em cada um dos equipamentos culturais, sob a supervisão de um artista responsável em cada território.

Resultados

O plano pedagógico do programa AMA Rio foi executado respeitando as diretrizes do seu plano pedagógico, mas também abrindo espaço ao longo do percurso para acomodar as particularidades de cada grupo nos sete equipamentos culturais. O plano pedagógico foi posto em prática a partir da realização de aulas com conteúdos e práticas relacionados com o tema principal do projeto: “Arte e Meio Ambiente”.

A presença de especialistas convidados – que participaram como palestrantes ou como oficinairos de aulas práticas –, artistas com experiência em intervenção urbana e uma equipe de monitores que conduziram o processo junto aos jovens foi fundamental para a trajetória de aprendizado e experiência dos participantes, além da entrega de um produto

final: a intervenção artística. Uma particularidade marcante no processo pedagógico foi a intensa presença da experiência e do contato dos artistas com os jovens, visto que, em cada equipamento, o artista teve autonomia para inserir seus métodos de atuação a fim de conectar o jovem com as obras que ficaram de legado em cada um dos sete territórios.

O empenho digital dos jovens foi um destaque ao longo do programa: todos se organizaram em seus grupos de trabalho. Com esse engajamento digital, foi possível ver diversos resultados interessantes como a produção de uma revista digital, um mini documentário, produtos de arte visual, articulação com artistas locais para ocupação da intervenção artística nos equipamentos, manifestos, formação de coletivos para dar continuidade no trabalho, e até mesmo grupos organizados para reivindicar esclarecimentos sobre as questões mais burocráticas do programa. Isso demonstrou ainda mais a potência e a força da juventude periférica do Rio.



RESULTADOS:

sobre as
intervenções
artísticas



MADUREIRA - ARENA FERNANDO TORRES

Artista responsável:
Nathalie Nery

Obra:
Sombra para quem te quer

Tipo de intervenção:
Mobiliário urbano escultórico

Descrição conceitual da obra: Área de convivência com o formato de uma planta “gigante” confeccionada com a técnica de bioconstrução chamada ferrocimento. A intervenção surgiu da necessidade unânime de haver uma área de convivência sombreada e com algum tipo de assento na área externa do equipamento. Os jovens participaram na elaboração, produção, controle de gastos, pesquisa de materiais alternativos, no auxílio da colocação do cimento, na confecção da tinta de terra e pintura da obra. Além dessa intervenção, foram realizadas oficinas de reciclagem de embalagens na confecção de adereços para um bloco de carnaval que desfilou no dia da inauguração da intervenção.



REALENGO - ARENINHA GILBERTO GIL

Artista responsável:

Daiana Cruz

Obra:

Cantão de Realengo

Tipo de intervenção:

Mural artístico desenvolvido a partir de revestimentos em cerâmica branca

desenhados com a participação dos jovens. Banco reto em concreto com acabamento de cimento queimado e duas alturas de assento.

Descrição conceitual da obra: O conceito do projeto foi atender às questões levantadas pelos jovens durante os encontros e após análise de alguns territórios do bairro. Os jovens participaram no desenvolvimento artístico dos revestimentos de parede em cerâmica com aplicação artística a partir de letras das músicas de Gilberto Gil, temas de sustentabilidade, natureza e temas do bairro. Cada jovem recebeu uma placa de azulejo em branco, tintas e pincéis, onde expressaram de forma artística frases contidas nas letras das músicas de Gilberto Gil. Na frente do mural, foi feita no chão uma base de cimento para ser um palco de apresentação artística: música, poesia, histórias, slam, etc.



ILHA DO GOVERNADOR - BIBLIOTECA EUCLIDES DA CUNHA

Artista responsável:

Marcella Arruda

Obra:

O sertão vai virar mar

Tipo de intervenção:

Instalação

Descrição conceitual da obra: Antes mar, hoje aterro: calor, sol, chão, seco, árido. Até dá pra lembrar do sertão. Sertão este de Canudos, palco histórico da Guerra relatada por Euclides da Cunha. "O sertão vai virar mar" retoma a profecia da inundação dos interiores da Bahia, por conta do desastre causado pela hidrelétrica do Rio São Francisco, e a reconstitui no Aterro de Cocotá. "O homem chega e desfaz a natureza" é um trecho do livro de Euclides da Cunha que discorre sobre as ações do hoje chamado Antropoceno. Em diálogo com a Biblioteca Municipal localizada no Aterro de Cocotá, a intervenção vem anunciar a volta do mar ao aterro, prevista pela NASA como uma subida de 2,5m do nível do mar na Baía de Guanabara nos próximos 100 anos, resultado do colapso climático.



GUADALUPE - LONA CULTURAL TERRA

Artista responsável:

Juca Fiis

Obra:

A fonte

Tipo de intervenção:

Fonte de água revestida de azulejos

Descrição conceitual da obra: Os jovens participantes pensaram numa fonte de água para matar a sede de quem usa o espaço, mas também como fonte de referência, reflexão e produção de conhecimento. Um espaço onde, através da arte, possa se falar sobre os direitos dos moradores da região (acesso à água potável, saneamento, meio ambiente ecologicamente equilibrado, transporte de qualidade). Um lugar também de reflexão sobre as questões ambientais e de inspiração sobre como cobrar e ter os seus direitos respeitados pelo poder público. O local é também uma fonte para compartilhar desejos e estimular sonhos.



GÁVEA - MUSEU HISTÓRICO DA CIDADE

Artista responsável:

Coletivo formado por Paul Heritage, Bianca Sartes e Daiana Cruz

Obra:

Vila Parque

Tipo de intervenção:

Aplicação de azulejo no espelho da escada de acesso à comunidade Vila Parque e instalação artística dentro da área do Museu da Cidade, composta por ferro e cubos giratórios.

Descrição conceitual da obra: Aplicação de azulejos pintados por jovens do projeto no espelho da escadaria de uma das entradas da Vila Parque. Essas peças possuem informações e artes sobre a memória da Vila Parque, comunidade vizinha ao Museu Histórico da Gávea, a memória ambiental do Parque da Cidade, frases que convidam os moradores a visitarem o museu e o parque, além de informações sobre educação ambiental. Já o mobiliário de cubos giratórios contém uma curadoria de 24 azulejos sobre a memória da Vila Parque e memória ambiental do Parque da Cidade.



GAMBOA - MUHCAB

Artista responsável:

Lucas Ururah

Obra:

Ecos da Jurema

Tipo de intervenção:

Escultura sonora e plantio de frutíferas da Gamboa

Descrição conceitual da obra: Foi construída uma escultura sonora de concreto e tubos de ferro com a adição de uma escultura de um busto de uma entidade Afro Brasileira (Jurema) que foi acoplada à estrutura de concreto e canos, reaproveitando resíduos e entulhos já existentes no local. Essa escultura é interativa e cercada de plantas de poder ao redor da escultura. Os canteiros foram criados pelos jovens em uma oficina de criação de vasos de plantas, construídos com cimento e tecido.



HUMAITÁ - TEATRO SÉRGIO PORTO

Artista responsável:

Guga Ferraz

Obra:

Humaitela

Tipo de intervenção:

Outdoor com cartazes realizados em parceria com os jovens participantes do projeto.

Descrição conceitual da obra: Após as imersões realizadas, percebemos a necessidade de comunicação, através de imagens, dos problemas e a falta de cuidado com algumas áreas do entorno do Sérgio Porto. Muitas imagens e ideias foram geradas, e a forma encontrada para abraçar e expor com grande visibilidade o conteúdo proposto pelos jovens foi a construção de uma estrutura de Outdoor na laje dos fundos do teatro, de modo a servir de suporte para esta série de cartazes elaborados durante o projeto.

Resultados: avaliação dos jovens sobre o projeto

Como forma de avaliar o percurso do projeto e, principalmente, compreender o impacto do AMA Rio para os jovens e seus territórios, aplicamos um questionário de avaliação final com os jovens.

Os resultados foram extremamente positivos:

para 91,6% dos jovens, o AMA Rio foi uma oportunidade de se engajar junto a outros jovens da sua comunidade para debater questões importantes para o seu futuro. É interessante, também, que, para 97,6% dos jovens, o AMA Rio os levou a conhecer novas pessoas e participar de novas redes. Além disso, 85,8% dos jovens afirmam que, depois do AMA Rio, passaram a se sentir parte/se identificar com uma comunidade (seja ela racial, territorial, de ofício, de hábitos e gostos etc.). Por fim, em relação ao impacto do projeto nos territórios, 73,1% dos jovens avaliaram que o AMA Rio promoveu uma mudança positiva no seu território.

Em relação à cultura e à criação de novas habilidades artísticas, os resultados também foram encorajadores: 87,3% dos jovens afirmaram que o AMA Rio despertou o interesse em ferramentas de transformação social a partir da arte, e 91,2% dos jovens afirmaram que o AMA Rio os levou a desenvolver novas habilidades artísticas, culturais e/ou criativas.

No que tange aos aprendizados adquiridos ao longo do processo de formação, os jovens avaliaram que o AMA Rio trouxe novas perspectivas e conhecimento a respeito dos seguintes temas: meio ambiente (89,7%), arte e ativismo (85,8%), conceito de território (85,3%), racismo ambiental (84,8%) e mudanças climáticas (79,9%).

Ainda sobre os conhecimentos adquiridos ao longo do projeto, a média da avaliação sobre o aprendizado dos jovens sobre os temas abaixo, em uma escala de 1 a 5, é bastante positiva:

O que é território	4,41
Cultura e Meio ambiente	4,25
Características do meu território	4,07
Racismo Ambiental	4,02
Sustentabilidade	3,91
Arte e ativismo	3,88
Mudanças climáticas	3,68
Justiça climática	3,68

Após o AMA Rio...

86,3% dos jovens se sentem mais confiantes para trabalhar em alguma atividade ligada à cultura e/ou arte;

82,8% dos jovens se sentem mais confiantes para organizar ou participar de eventos culturais;

72,1% dos jovens se sentem mais confiantes para organizar ou participar de atividades artísticas;

70,1% dos jovens se sentem mais confiantes para organizar ou participar de atividades educativas;

66,7% dos jovens se sentem mais confiantes para organizar ou participar de reuniões para discutir problemas relativos à comunidade e propor melhorias;

64,2% dos jovens se sentem mais confiantes para empreender/desenvolver ações ligadas a atividades artísticas e/ou culturais (mesmo que não profissional, mas voluntariamente, por exemplo);

56,4% dos jovens se sentem mais confiantes para trabalhar em alguma atividade ligada a questões climáticas e/ou ambientais;

53,4% dos jovens se sentem mais confiantes para organizar ou participar de manifestações, protestos ou campanhas.



Considerações finais

3.

3. Considerações finais

Conforme mencionado, o projeto Raízes de Resiliência nasceu com o objetivo de mapear e mensurar o valor da cultura na região do Quadrilátero Aquífero-Ferrífero, em Minas Gerais. Por meio de um projeto de pesquisa cocriativo, a intenção era trocar conhecimentos com instituições culturais parceiras, estabelecer entre elas uma rede de conexão e atuação e criar um legado de pesquisa ao envolvê-las no processo de concepção e aplicação da pesquisa e da análise dos dados. Com isso, seria possível divulgar e fortalecer a cultura praticada nesta região, além de chamar a atenção da população, do poder público e de stakeholders para as ameaças que recaem sobre este território.

O quão feliz foi, a partir dos resultados dessa empreitada investigativa, poder traçar e aplicar planos de ação que dessem conta das demandas locais, tendo ainda a oportunidade de expandir essas experiências para outras localidades, como o município do Rio de Janeiro? Nas páginas precedentes, pudemos informar, com maior ou menor grau de detalhamento, uma série de iniciativas de intervenção que:

Estreitaram os laços entre a PPP e as organizações parceiras, e especialmente, entre estas e as variadas comunidades da região do Quadrilátero Aquífero-Ferrífero;

Levaram informações relevantes, acessíveis e confiáveis a públicos diversos;

Levantaram e sistematizaram novos dados e, a partir disso, ampliaram as vozes das populações locais, reforçaram a perspectiva do diálogo e das trocas de saberes, características do horizonte normativo do Projeto Raízes de Resiliência, e viabilizaram a

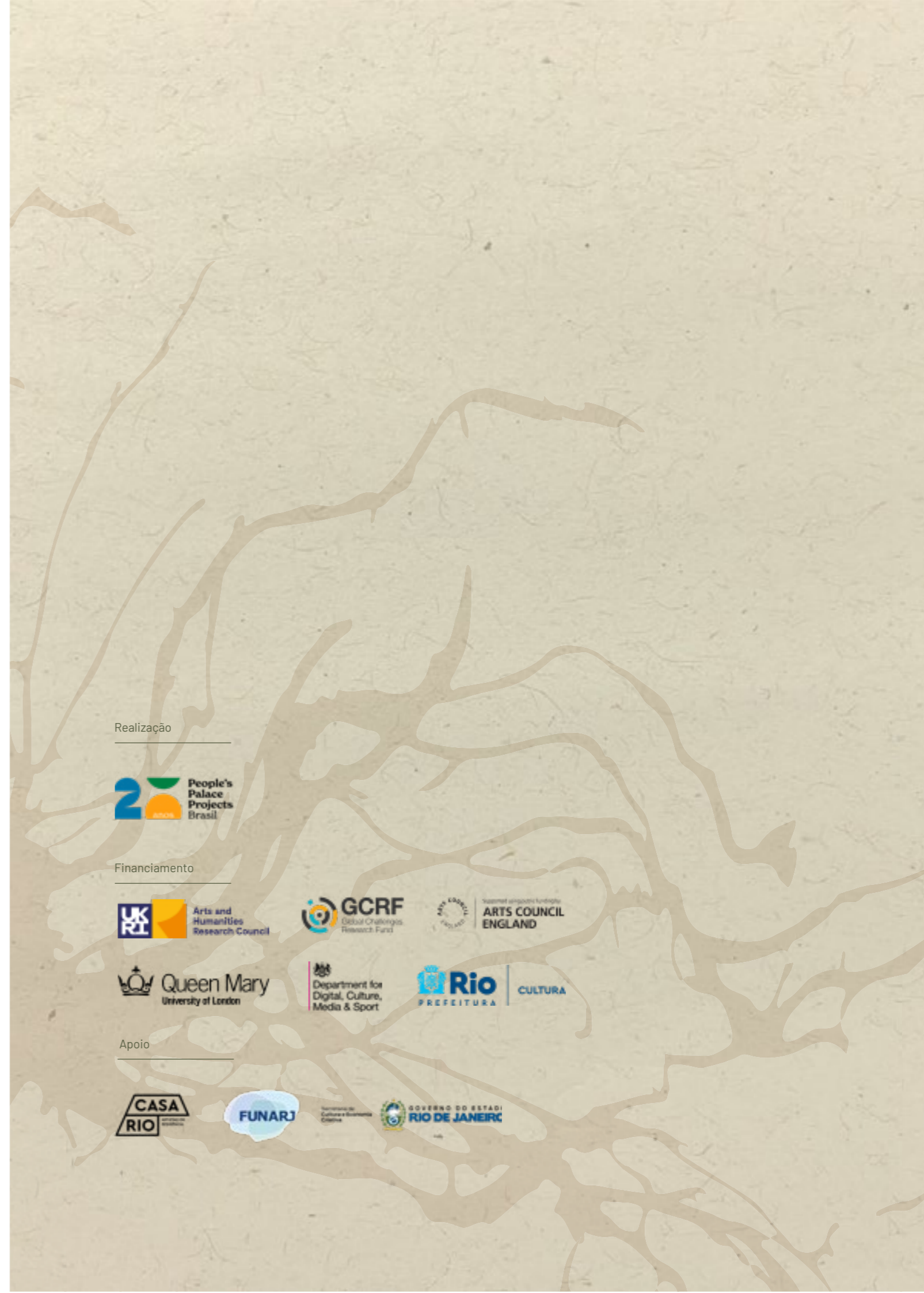
continua autoavaliação por parte da PPP.

Nessa caminhada, o engajamento da população foi ímpar e crucial, seja o de jovens que tomaram parte, como participantes ou público, das atividades dos programas Jovens Embaixadores e AMA Rio, seja o de estudantes que participaram ativamente das atividades promovidas no âmbito do Programa Educacional, seja, ainda, o da audiência das várias exposições do documentário "VALE?", que ditou o tom dos debates ocorridos após a finalização das sessões e deu nome e rosto às demandas e aos anseios das pessoas atingidas pelos rompimentos de barragens.

Por meio desse conjunto de ações, também foi possível reforçar o poder da arte como educadora, como agente transformador, como instrumento de denúncia e vocalização de opiniões, de resgate de identidades e de promoção de reflexões e de coesão e engajamento sociais e, finalmente, como fonte de apoio à saúde mental e à ludicidade em meio a crises e contextos extremos. Nesse sentido, o trabalho de artistas e organizações independentes foi incentivado, divulgado e promovido.

Além disso, as metodologias desenvolvidas em cada programa decorrente da primeira fase do Projeto Raízes de Resiliência, bem como aquelas desenvolvidas e aplicadas por artistas e pesquisadores de outros locais do Brasil e do mundo, foram amplamente divulgadas e debatidas em seminários presenciais e remotos, tanto em português quanto em inglês, e através de materiais didáticos e paradidáticos abertamente disponibilizados. Dada a diversidade de temas, públicos e territórios alcançados, reiterou-se a adaptabilidade das metodologias propostas e aplicadas nestes programas.

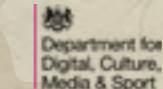
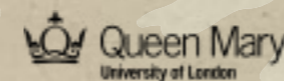
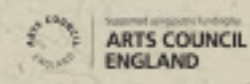
Os dados coletados em cada desdobramento, somados aos demais materiais produzidos, servem como ponto de partida para recalculas rotas e adaptar diretrizes gerais a contextos específicos. Dessa maneira, o potencial multiplicador do projeto se reafirma: as raízes resilientes se reforçam e se espalham, dando origem a múltiplas ramificações firmes, amplas e diversas.



Realização



Financiamento



Apoio

